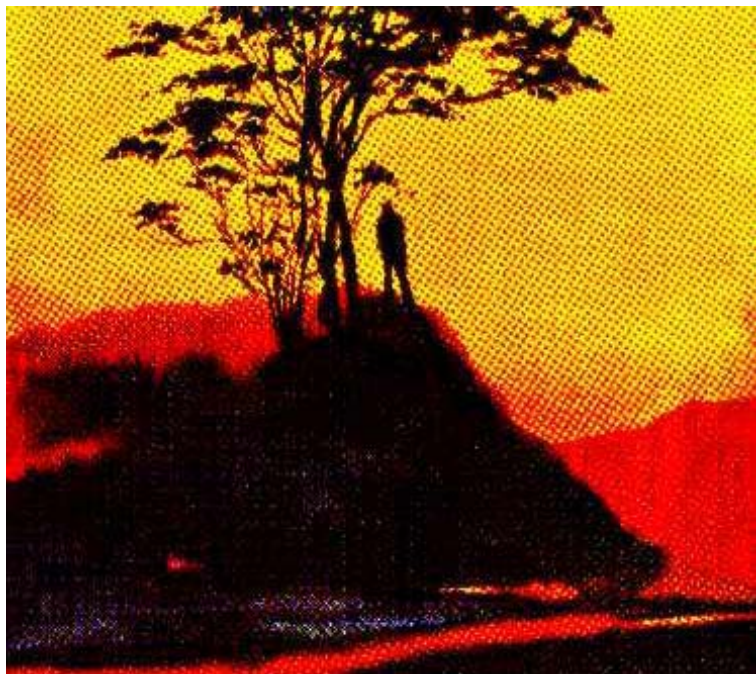

A PRECE

SEGUNDO O EVANGELHO

ALLAN KARDEC



A Prece

A PRECE

CONFORME

O EVANGELHO
SEGUNDO O ESPIRITISMO

DE

ALLAN KARDEC

EDIÇÃO EM PORTUGUÊS PELA
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA



FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA
DEPARTAMENTO EDITORIAL

Rua Souza Valente, 17
20941-040 — Rio-RJ — Brasil

44ª edição

Do original em língua francesa

L'ÉVANGILE SELON LE SPIRITISME

(Paris, abril, 1864) caps. XVII e XXVII, juntamente com as

Instruções de Allan Kardec aos Espíritos do Brasil,

ditadas ao médium Frederico Júnior, em 1888 e 1889,

na Sociedade espírita “Fraternidade”; a

Prece de Caritas, psicografia de W. Krell, e

o artigo *A Casa de Ismael*.

capa de CECCONI

B.N. 6.835

Copyright 1944 by

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA

(Casa-Mãter do Espiritismo)

Av. L-2 Norte — Q. 603 — Conjunto F

70830-030 — Brasília-DF — Brasil

Departamento Gráfico da FEB

Rua Souza Valente, 17

20941-040 — Rio, RJ — Brasil

C.G.C. n° 33.644.857/0002-84

I.E. n° 81.600.503

Federação Espírita Brasileira

<http://www.febrasil.org.br>

Produzido por: A Palavra Digital

<http://www.apalavradigital.com.br>

Índice

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL

I — Exortação ao estudo, à caridade e à unificação ..	11
II — Estudos sobre obsessões	24
Conclusão	43

A PRECE

I — PEDI E OBTEREIS

Qualidade da prece	46
Eficácia da prece	48
Ação da prece. Transmissão do pensamento	51
Preces inteligíveis	56
Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores	57

II — INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

Maneira de orar	62
Satisfação decorrente da prece	64

III — COLEÇÃO DE PRECES ESPÍRITAS

Preâmbulo	66
-----------------	----

A — Preces Gerais

Oração dominical	69
Reuniões espíritas	78
Para os médiuns	81

B — Preces por si mesmo

Aos anjos de guarda e aos Espíritos protetores	85
Para afastar os maus Espíritos	88
Para pedir a corrigenda de um defeito	89
Para pedir forças a fim de resistir a uma tentação	90
Em ação de graças por uma vitória obtida contra uma tentação	91
Para pedir conselhos	92
Nas aflições da vida	93
Em ação de graças por um favor obtido	94
Ato de submissão e resignação	95
Em perigo iminente	97
Em ação de graças quando se escapa a um perigo	98
No momento de repouso	98
Previendo a aproximação da morte	99

C — Preces pelos encarnados

Por qualquer que se ache em aflição	103
Ação de graças por um benefício concedido a outrem	104
Em ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos	106
Pelos inimigos do Espiritismo	106

Por uma criança que acaba de nascer	109
Por um agonizante	111

D — Preces pelos desencarnados

Por alguém que acaba de desencarnar	113
Pelas pessoas que nos sejam afeiçoadas	116
Pelas almas sofredoras que pedem preces	118
Por um inimigo morto	120
Por um criminoso	121
Por um suicida	121
Pelos Espíritos arrependidos	122
Pelos Espíritos endurecidos	124

E — Preces pelos doentes e pelos obsidiados

Pelos doentes	129
Pelos obsidiados	130

*

<i>Prece de Cáritas</i>	137
<i>A Casa de Ismael</i>	139

INSTRUÇÕES DE ALLAN KARDEC AOS ESPÍRITAS DO BRASIL

I — EXORTAÇÃO AO ESTUDO, À CARIDADE E À UNIFICAÇÃO

Paz e amor convosco.

Que possamos ainda uma vez, unidos pelos laços da fraternidade, estudar essa doutrina de paz e de amor, de justiça e de esperanças, graças à qual encontraremos a estreita porta da salvação futura — o gozo indefinido e imorredouro para as nossas almas humildes.

Antes de ferir os pontos que fazem o objetivo da minha manifestação, devo pedir a todos vós que me ouvis — a todos vós espíritas a quem falo neste momento — que me perdoeis se porventura, na externalização dos meus pensamentos, encontrardes alguma coisa que vos magoe, algum espinho que vos vá ferir a sensibilidade do coração.

O cumprimento do dever nos impõe usemos de linguagem franca, rude mesmo. Por isso que cada um de nós tem uma responsabilidade individual e coletiva e,

para salvá-la, lançamos mão de todos os meios que se nos oferecem, sem contarmos, muitas vezes, com a pobreza da nossa inteligência, que não nos permite dizer aquilo que sentimos sem magoar, não raro, corações amigos, para os quais só desejamos a paz, o amor e as doçuras da caridade.

Certo de que ouvireis a minha súplica; certo de que, falando aos espíritas, falo a uma agremiação de homens cheios de benevolência, encetei o meu pequeno trabalho, cujo único fim é desobrigar-me de graves compromissos que tomei para com o nosso Criador e Pai!

Sempre compassivo e bom, volvendo os piedosos olhos à Humanidade escrava dos erros e das paixões do mundo, Deus torna uma verdade as palavras do Cristo, e manda o Consolador — o Espírito de Verdade — que abertamente fale da revelação messiânica a essa mesma Humanidade esquecida dAquele que foi levado pelas ruas da amargura, sob o peso das iniquidades e das ingratidões dos homens!

Corridos os séculos, desenvolvido intelectualmente o espírito humano, Deus, na sua sabedoria, achou que era chegado o momento de convidar os homens à meditação do Evangelho — precioso livro de verdades divinas — até então ensombrado pela letra, devido à deficiência da percepção humana para compreendê-lo em espírito.

Por toda a parte se fez luz; revelou-se à Humanidade o Consolador prometido, recebendo os povos — de acordo com o seu preparo moral e intelectual — missões importantes, tendentes a acelerar a marcha triunfante da Boa-Nova!

Todos foram chamados: a nenhum recesso da Terra deixou de apresentar-se o Consolador em nome desse Deus de misericórdia, que não quer a morte do pecador — nem o extermínio dos ingratos — e sim os deseja ver remidos dos desvarios da carne, da obcecação dos instintos.

Sendo assim, a esse pedaço de terra, a que chamais Brasil, foi dada também a Revelação da Revelação, firmando os vossos Espíritos, antes de encarnarem, compromissos de que ainda não vos desobrigastes. E perdoai que o diga: tendes mesmo retardado o cumprimento deles e de graves deveres, levados por sentimentos que não convém agora perscrutar.

Ismael, o vosso Guia, tomando a responsabilidade de vos conduzir ao grande templo do amor e da fraternidade humana, levantou a sua bandeira, tendo inscrito nela — *Deus, Cristo e Caridade*. Forte pela dedicação, animado pela misericórdia de Deus, que nunca falta aos trabalhadores, sua voz santa e evangélica ecoou em todos os corações, procurando atraí-los para um único agrupamento onde, unidos, teriam a força dos leões e a mansidão dos pombos; onde, unidos, pudessem afrontar todo o peso das iniquidades humanas; onde, enlaçados num único sentimento — o do amor — pudessem adorar o Pai em Espírito e Verdade; onde se levantasse a grande muralha da fé, contra a qual viessem quebrar-se todas as armas dos inimigos da Luz; onde, finalmente, se pudesse formar um grande dique à onda tempestuosa das paixões, dos crimes e dos vícios que avassalam a Humanidade inteira!

Constituiu-se esse agrupamento; a voz de Ismael foi sentida nos corações. Mas, à semelhança das sementes

lançadas no pedregulho, elas não encontram terra boa para as suas raízes, e quando aquele anjo bom — aquele Enviado de Deus — julgava ter em seu seio amigos e irmãos capazes de ajudá-lo na sua grande tarefa, santa e boa, as sementes foram mirrando ao fogo das paixões, foram-se encravando na rocha, apesar de o orvalho da misericórdia divina as banhar constantemente para sua vivificação.

Ali, onde a humildade devera ter erguido tenda, o orgulho levantou o seu reduto; ali, onde o amor devia alçar-se, sublime e esplêndido, até junto do Cristo, a indiferença cavou sulcos, à justiça se chamou injustiça, à fraternidade — dissensão!

Mas, pela ingratidão de uns, haveria de sacrificar-se a gratidão e a boa-vontade de outros?

Pelo orgulho dos que já se arvoraram em mestres na sua ignorância, havia de sacrificar-se a humildade do discípulo perfeitamente compenetrado dos seus deveres? Não!

Assim, quando os inimigos da Luz — quando o espírito das trevas julgava esfacelada a bandeira de Ismael, símbolo da trindade divina; quando a voz iníqua já reboava no Espaço, glorificando o reino das trevas e amaldiçoando o nome do Mártir do Calvário, ele recolheu o seu estandarte e fez que se levantasse pequena tenda de combate com o nome — Fraternidade!

Era este, com certeza, o ponto para o qual deviam convergir todas as forças dispersas — todos os que não recebiam a semente do pedregulho.

Certos de que *acaso* é palavra sem sentido, e testemunhas dos fatos que determinaram o levantamento

dessa tenda, todos os espíritas tinham o dever sagrado de vir aqui se agruparem — ouvir a palavra sagrada do bom Guia Ismael — único que dirige a propaganda da Doutrina nesta parte do planeta e único que tem a responsabilidade da sua marcha e desenvolvimento.

Mas, infelizmente, meus amigos, não pudestes compreender ainda a grande significação da palavra — *Fraternidade!*

Não é um termo, é um fato; não é uma palavra vazia, é um *sentimento*, sem o qual vos achareis sempre fracos para essa luta que vós mesmos não podeis medir, tal a sua extraordinária grandeza!

Ismael tem o seu Templo, e sobre ele a sua bandeira — *Deus, Cristo e Caridade!* Ismael tem a sua pequenina tenda, onde procura reunir todos os seus irmãos — todos aqueles que ouviram a sua palavra e a aceitaram por verdadeira: e chama-se *Fraternidade!*

Pergunto-vos: Pertenceis à *Fraternidade*? Trabalhais para o levantamento desse Templo cujo lema é: *Deus, Cristo e Caridade?*

Como, e de que modo?

Meus amigos! É possível que eu seja injusto para convosco naquilo que vou dizer: o vosso trabalho, feito todo de acordo — não com a Doutrina — mas com o que interessa exclusivamente aos vossos sentimentos, não pode dar bom fruto. Esse trabalho, sem regime, sem disciplina, só pode, de acordo com a doutrina que esposastes, trazer espinhos que dilacerem vossas almas, dores pungentes aos vossos Espíritos, por isso que, desvirtuando os princípios em que ela assenta, dais entrada constante e funesta àquele que, encontrando-vos

desunidos pelo egoísmo, pelo orgulho, pela vaidade, facilmente vos acabrunhará com todo o peso da sua iniquidade.

Entretanto, dar-se-ia o mesmo se estivésseis unidos? Porventura acreditais na eficiência de um grande exército dirigido por diversos generais, cada qual com o seu sistema, com o seu método de operar e com pontos de mira divergentes? Jamais! Nessas condições só encontrareis a derrota, porquanto — vede bem —, o que não podeis fazer com o Evangelho: unir-vos pelo amor do bem, fazem os vossos inimigos, unindo-se pelo amor do mal!

Eles não obedecem a diversas orientações, nem colimam objetivos diversos; tudo converge para a Doutrina Espírita — Revelação da Revelação — que não lhes convém e que precisam destruir, para o que empregam toda a sua inteligência, todo o seu amor do mal, submetendo-se a uma única direção!

A luta cresce dia a dia, pois que a vontade de Deus, iniciando as suas criaturas nos mistérios da vida de além-túmulo, cada vez mais se torna patente. Encontrando-se, porém, os vossos Espíritos em face da Doutrina, no estado precário que acabo de assinalar, pergunto: — Com que elemento contam eles, os vossos Espíritos, na temerosa ação em que se vão empenhar, cheios de responsabilidade?

Em que canto da Terra já se ergue o grande tabernáculo onde ireis elevar os vossos pensamentos; em que canto da Terra construístes a grande muralha contra a qual se hão de quebrar as armas dos vossos adversários?

Será possível que, à semelhança das cinco virgens pouco zelosas, todo o cuidado da vossa paz tenhais perdido? Que conteis com as outras, que não dormem e que ansiosamente aguardam a vinda do seu Senhor?

Mas, se é assim, em que consiste o aproveitamento das lições que constantemente vos são dadas a fim de tornar uma verdade a vossa vigilância e uma santidade a vossa oração?

Se assim é, onde os frutos desse labor fecundo de todos os dias, dos vossos amigos de além-túmulo?

Acaso apodreceram roídos pela traça — tocados pelo bolor os vossos arquivos repletos de comunicações?

Onde, torno a perguntar, a segurança da vossa fé, a estabilidade da vossa crença, se, tendo uma única doutrina para apoio forte e inabalável, a subdividis, a multiplicais ao capricho das vossas individualidades, sem contar com a coletividade que vos poderia dar a força, se constituísseis um elemento homogêneo, perfeitamente preparado pelos que se encarregam da revelação?

Mas, onde a vantagem das subdivisões? Onde o interesse real para a Doutrina e seu desenvolvimento, na dispersão que fazeis do vosso grande todo, dando já, desse modo, um péssimo exemplo aos profanos, por isso que pregais a fraternidade e vos dividis cheios de dissensões?

Onde as vantagens de tal proceder? Estarão na diversidade dos nomes que dais aos grupos? Por que isso? Será porque este ou aquele haja recebido maior doação do patrimônio divino? Será porque convenha à propaganda que fazeis?

Mas, para a propaganda, precisamos dos elementos construtivos dela. Pergunto: — onde a escola dos médiuns? Existe?

Porventura os homens que têm a boa-vontade de estudar convosco os mistérios do Criador, preparando seus Espíritos para o ressurgir da outra vida, encontram em vós os instrumentos disciplinados — os médiuns perfeitamente compenetrados do importante papel que representam na família humana e cheios dessa seriedade, que dá uma idéia da grandeza da nossa Doutrina?

Ou a vossa propaganda se limita tão-somente a falar do Espiritismo? Ou os vossos deveres e as vossas responsabilidades individuais e coletivas se limitam a dar a nota do ridículo àqueles que vos observam julgando-vos doidos e visionários?

Meus amigos! Sei quanto é doloroso tudo isto que vos digo, pois que cada um dos meus pensamentos é uma dor que atinge profundamente o meu Espírito. Sei que as vossas consciências sentem perfeitamente todo o peso das verdades que vos exponho. Mas, eu vos disse ao começar: — temos responsabilidades e compromissos tomados, dos quais procuramos desobrigar-nos por todos os meios ao nosso alcance!

Se completa não está a minha missão na Terra; se mereço ainda do Senhor a graça de vir esclarecer a doutrina que aí me foi revelada, dando-vos novos conhecimentos compatíveis com o desenvolvimento das vossas inteligências; se vejo que cada dia que passa da vossa existência — iluminada pela sublime luz da revelação, sem produzirdes um trabalho à altura da graça que vos foi concedida — é um motivo de escândalo para

as vossas próprias consciências; devo usar desta linguagem rude de amigo, a fim de que possais, compenetrados verdadeiramente dos vossos deveres de cristãos e de espíritas, unir-vos num grande agrupamento fraterno, onde — avigorados pelo apoio mútuo e pela proteção dos bons — possais enfrentar o trabalho extraordinário que vos cumpre realizar para emancipação dos vossos Espíritos, trabalho que inegavelmente ocasionará grande revolução na Humanidade, não só quanto à parte da Ciência e da Religião, mas também na dos costumes!

Uma vez por todas vos digo, meus amigos: — Os vossos trabalhos, os vossos labores não podem ficar no estreito limite da boa-vontade e da propaganda, sem os meios elementares indicados pela mais simples razão.

Não vem absolutamente ao caso o reportar-vos às palavras de Jesus-Cristo quando disse que — a luz não se fez para ser colocada debaixo do alqueire. Não vem ao caso e não tem aplicação, porque não possuis luz própria!

Fazei a luz pelo vosso esforço; iluminai todo o vosso ser com a doce claridade das virtudes; disciplinai-vos pelos bons costumes no Templo de Ismael, templo onde se adora a Deus, se venera o Cristo e se cultiva a Caridade. Então, sim; distribuí a luz, ela vos pertence!

E vos pertence, porque é um produto sagrado do vosso próprio esforço, uma brilhante conquista do vosso Espírito — empenhado nas lutas sublimes da Verdade.

Fora desses termos, podeis produzir trabalhos que causem embriaguez à vista, mas nunca que, falem

sinceramente ao coração. Podeis produzir emoções fortes, por isso que muitos são os que gostosamente se entregam ao culto do maravilhoso; nunca, porém, deixarão as impressões suaves da Verdade vibrando as cordas do amor divino no grande coração humano.

Fora dessa convenção ortodoxa, é possível que as plantas cresçam nos vossos grupos, mas é bem possível que também seus frutos sejam bastante amargos, bastante venenosos, determinando, ao contrário do que devia acontecer, a morte moral do vosso Espírito — a destruição, pela base, do vosso Templo de trabalho!

Se o Evangelho não se tornar realmente em vossos espíritos um broquel, quem vos poderá socorrer, uma vez que a Revelação tende a absorver todas as consciências, emancipando o vosso século? Se o Evangelho nas vossas mãos apenas tem a serventia dos livros profanos, que deleitam a alma e encantam o pensamento, quem vos poderá socorrer no momento dessa revolução planetária que já se faz sentir, que dará o domínio da Terra aos bons, preparados para o seu desenvolvimento, que ocasionará a transmigração dos obcecados e endurecidos para o mundo que lhes for próprio?

Que será de vós — quem vos poderá socorrer — se, à lâmpada do vosso Espírito, faltar o elemento de luz com que possais ver a chegada inesperada do Cristo, testemunhando o valor dos bons e a fraqueza moral dos maus e dos ingratos?

Se fostes chamados às bodas do filho do vosso Rei, por que não tomam os vossos Espíritos as roupagens

dignas do banquete, trocando conosco o brinde do amor e da caridade pelo consórcio do Cristo com o seu povo?

Se tudo está preparado, se só faltam os convivas, por que cedeis o vosso lugar aos coxos e estropiados que, últimos, virão a ser os primeiros na mesa farta da caridade divina?

Esses pontos do Evangelho de Jesus-Cristo, apesar da Revelação, ainda não provocaram a vossa meditação?

Esse eco que reboa por toda a atmosfera do vosso planeta, dizendo — *Os tempos são chegados!* — será um gracejo dos enviados de Deus, com o fim de apavorar os vossos espíritos?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, vivendo cheios de dissensões e de lutas, como se não constituíssemos uma única família, tendo para regência dos nossos atos e dos nossos sentimentos uma única doutrina?

Será possível nos preparemos para os tempos que chegam, dando a todo momento e a todos os instantes a nota do escândalo, apresentando-nos aos homens sob o aspecto de homens cheios de ambições, que não trepidam em lançar mão até das coisas divinas para o gozo da carne e satisfação das paixões do mundo?

Mas seria simplesmente uma obcecação do Espírito — pretender desobrigar-se dos seus compromissos e penetrar, no reino de Deus, coberto dessas paixões e dessas misérias humanas!

Isso equivaleria não acreditardes naquilo mesmo em que dizeis crer; seria zombar do vosso Criador que, não

exigindo de vós sacrifício, vos pede, entretanto, não transformeis a sua casa de oração em covil de ladrões!

Meus amigos! Sem caridade não há salvação — sem fraternidade não pode haver união.

Uni-vos, pois, pela fraternidade, debaixo das vistas do bom Ismael, vosso Guia e Protetor. Salvai-vos pela Caridade, distribuindo o bem por toda a parte, indistintamente, sem pensamento oculto, àqueles que vos pedem lhes deis da vossa crença ao menos um testemunho moral, que os possa obrigar a respeitar em vós o indivíduo bem-intencionado e verdadeiramente cristão.

Sobre a propaganda que procurais fazer, exclusivamente para chamar ao vosso seio maior número de adeptos, direi — se os meios mais fáceis que tendes encontrado são a cura dos vossos irmãos obsessos, são as visitas domiciliárias e a expansão dos fluidos — ai tendes um modesto trabalho para vossa meditação e estudo.

E, lendo, compreendendo, chamai-me todas as vezes que for do vosso agrado ouvir a minha palavra e eu virei esclarecer os pontos que achardes duvidosos — virei, em novos termos, se preciso for, mostrar-vos que esse lado que vos parece fácil para a propaganda da Doutrina — é o maior escolho lançado no vosso caminho — é a pedra colocada às rodas do vosso carro triunfante — será, finalmente, o motivo da vossa queda desastrosa, se não souberdes guiar-vos com o critério exigível de quantos se empenham numa tão grande causa.

Permita Deus que os espíritas a quem falo, que os homens a quem foi dada a graça de conhecer em espírito

e verdade a Doutrina do Cristo, tenham a boa-vontade de me compreender — a boa-vontade de ver nas minhas palavras unicamente o interesse do amor que lhes consagro.

Allan Kardec

II — ESTUDOS SOBRE OBSESSÕES

Paz e Amor! Diante da grande responsabilidade que assumimos para com o nosso Criador, quando nos comprometemos a defender a Doutrina do seu amado Filho, selada com o seu próprio sangue no cimo do Calvário, para redimir as culpas dos homens; diante dos compromissos tomados pelo nosso próprio Espírito, certo então de triunfar da carne e suas paixões; de estabelecer na Terra o reino do amor e da fraternidade das criaturas; em face das lutas que crescem dia a dia, mais escabroso tornando o caminho da vossa existência em via de regeneração, elevo o meu pensamento ao Ser dos Seres, ao nosso Criador e Pai, e suplico, em nome da caridade divina, que se estendam as asas do seu amado Filho sobre a Terra, colocando-vos à sombra do seu Evangelho — garantia única da vossa crença — segura estabilidade da vossa fé!

Amigos! Ainda há pouco, atravessando com os olhos do Espírito o reinado das trevas, raciocinando sobre os fatos que atormentam a Humanidade constantemente, reconhecíeis a necessidade do perdão das ofensas, de pagar com benefícios os malefícios, de

responder ao ódio com o amor, reconheceis a necessidade que o homem, revestido de um *Mandatum* tão santo sobre a Terra, tem da virtude e dos altos sentimentos que o nobilitem aos olhos do seu Criador para, desassombrado, empenhar-se na tremenda luta da Luz contra as trevas, em nome do Cristo — o Mestre, o Modelo, o Redentor.

Com efeito, louco seria aquele que, reconhecendo nos sofrimentos alheios a plena execução da justiça de um Deus clemente e misericordioso, tentasse apaziguá-los apenas com palavras — senão vazias de sentido — baldas completamente do sentimento cristão.

Louco seria quem, sem as armas que lhe dão as palavras de Jesus, se entregasse a essa luta inglória, agravando — quem sabe! os sofrimentos e as dores daqueles por quem se dispõe a lutar.

Compreendeis que vos falo dos obsessos, desses infelizes irmãos que encontrais a todo momento e que despertam a vossa curiosidade ou os vossos sentimentos. Falo dessas vítimas de erros e faltas que escapam à vossa percepção e aos quais, olhando-os com olhos piedosos, procurais ministrar a palavra consoladora — o bálsamo santo da caridade divina.

Se fora possível, a todos os que estremecem diante desses quadros horrorosos, praticar o jejum de que falava Jesus aos seus apóstolos; se fora possível a cada um compreender o papel de verdadeiro sacerdote, de que se acha incumbido, quando procura repartir a hóstia sagrada, no altar de Jesus, com seus irmãos da Terra; se fora possível a elevação de vistas sobre estes fatos, em que a justiça de Deus se manifesta e, quiçá, o próprio

arrependimento daquele cujo sofrimento tanto comove, certamente a tristeza não invadiria a vossa alma, a desilusão não perturbaria a vossa crença, a dor não dominaria os impulsos da vossa fé!

Quereis os fins, procurai os meios. Os fins que visais são bons, empregai os bons meios — compreendendo sempre, constantemente, que Deus vela sobre todas as suas criaturas e que até os cabelos de cada uma estão contados.

Compreendei o que quer dizer — Misericórdia; compreendei o que quer dizer — Justiça!

Não entra nas questões altamente divinas que essas duas palavras encerram, isso a que chamais na Terra — boa-vontade, assim mesmo desmentida, muitas vezes, pela direção que dais aos vossos atos e às vossas ações.

Compreendi a imutabilidade da lei de Deus; ela pode ter a sua execução sustada, mas nunca revogada.

A execução é sustada quando — não a boa-vontade, mas o amor de suas criaturas, os eflúvios santos da caridade lhe sobem nas asas de uma prece e vão chorar junto do seu poder misericordioso. Então, ele apazigua os sofrimentos temporariamente, por isso que o princípio da justiça prevalece sempre, distribuindo a cada um segundo as suas obras.

Compete, pois, ao verdadeiro espírita, ao verdadeiro imitador de Jesus, munir-se dos meios santos e puros para chegar a fins tão divinos e tão sagrados. Fazer por merecer — eis a grande questão!

Deus é bom; procuremos, ao menos, não ser maus. Deus é a misericórdia; procuremos, na medida das

nossas forças, repartir com os nossos semelhantes — não os lodos da alma, que desbotam os sentimentos — mas o amor que bebemos no grande Jordão do Evangelho, lavando-nos de culpas e de erros do passado.

Humildes, caridosos, vereis claro o vosso rumo; podereis, como o disse Jesus, levantar os paralíticos, dar vista aos cegos, quais os Apóstolos que não limitavam o seu amor ao Mestre só à boa-vontade, mas o estendiam à prática das boas ações.

Humildes e caridosos, não caireis nos barrancos com aqueles que conduzirdes pela mão. Humildes e caridosos, podereis trancar a casa varrida e ornada, derrotando as potestades malévolas que hoje vos intimidam, porque (infelizes que sois!), de posse do Evangelho, vos encontrais sem forças!

Sim! Invoquemos com amor a graça de Jesus, supliquemos com humildade a misericórdia de Deus, para que, de posse do Evangelho, recebamos a sua força — possamos dar batalha a todos os sentimentos que não falem do seu nome, propagar pelo exemplo a sua palavra, único meio de chegarmos ao nosso desiderato sem agravar a responsabilidade, que porventura atualmente pese sobre cada um de nós, na distribuição da sua doutrina.

Invoquemos o seu amor para que tenhamos força no coração e luz na inteligência, para que nos esclareça os ditames da consciência no terreno calmo e sereno onde o Espírito vai, segundo a sua palavra, fecundando as boas sementes pelo trabalho contínuo das ações, com a enxada das virtudes.

Procuremos por essa graça, que invocamos, dar o justo valor ao sentimento a que chamamos caridade —

chave com que abrimos as portas do céu —, isto é: chave com que alcançamos a paz da consciência, o templo do amor, o sacrário da justiça, o tabernáculo da fé!

Procuremos dar justo valor a esse sentimento, que talvez profanemos, consciente ou inconscientemente, e com a profanação do qual perturbamos a paz, a serenidade da justiça, que se cumpre — não pela vontade dos homens, mas — pela vontade de Deus, de acordo com a lei que, emanada da sua sabedoria e do seu amor nunca desmentidos, distribui a cada um segundo as suas obras.

Perguntemos a nós mesmos, para que a nossa consciência responda, se a caridade, essa virtude divina, exclui porventura a prudência, a razão, quando sabemos previamente que tudo tem sempre uma razão de ser, que tudo se faz pela vontade de Deus!

Perguntemos a nós mesmos, sempre que o sentimento da filantropia, que se aninha em nosso ser e que supomos ser o da caridade, nos permite momentos de meditação, sugerindo-nos considerações sociais e pessoais, modelando mesmo os corações nos estreitos moldes dos prejuízos do mundo, sempre que aquele sentimento não receba de nós e espontaneamente os impulsos da fé, os alentos da esperança e a certeza de que é caridade o que se quer realizar; perguntemos a nós mesmos se há em nosso íntimo sentimentos tão grandes e tão divinos que possam suplantar o amor de Deus às criaturas!

Perguntemos à nossa razão e à nossa inteligência se acima das nossas cabeças, onde fermentam, às vezes, idéias bastante pecaminosas, existe um véu tão denso e

tão impenetrável que não possa ser atravessado pelos olhos de Deus, que tudo vê, tudo sente!

Meus amigos! Chamo bastante a vossa atenção para esta passagem da minha pálida comunicação, falando-vos da caridade em face das obsessões. Chamo a vossa atenção, porque quero deixar firmado um princípio relativo às vossas condições, a fim de vos poupar desgostos e, talvez, revoltas, quando, sem saberdes dar o verdadeiro peso às inseqüências dos vossos atos, às imprudências das vossas ações — permiti que vos fale assim — pretendeis chegar a grandes fins, usando de limitados meios.

Não vos proíbo — e seria uma aberração do meu Espírito proibir-vos — tratar de obsessões. Notai bem! o que condeno, se condenar possa alguma coisa em nome da Doutrina, é que, a pretexto de caridade, caridade geralmente falada e poucas vezes sentida — vos exponhas a conflitos com o espírito das trevas, perturbeis a justiça de Deus que se realiza nos vossos semelhantes e agraveis, por seqüência, a responsabilidade do vosso Espírito, por isso que muitas vezes, nesses tentames, longe de distribuídes os sazoados frutos do Evangelho, distribuis os agudos espinhos da dor e do martírio!

A caridade que exclui a razão, a prudência e o bom-senso — a verdadeira caridade — é instintiva!

Não argumentemos com ela. Essa caridade constitui a poderosa força da alma, que já não conhece restrições no infinito.

Não argumentemos com ela, que, sendo a verdadeira caridade, não discute conosco. Pela sua pureza, paira numa região que não podemos ainda tocar. Ela se orvalha da Misericórdia Divina, participa do bafejo do Criador, é grande, é imensa, não podemos medi-la.

Mas a caridade que obriga o Espírito a cogitar dos meios, a caridade que discute, que atende a considerações sociais e prejuízos, essa caridade — antes sentimento filantrópico — precisa ser analisada, precisa ser medida para servir de norma à nossa conduta sobre a Terra, na distribuição das palavras do Evangelho, na depuração dos vossos Espíritos, até que possais chegar ao fim, ao desejado porto, que é Jesus — nosso Mestre e nosso amigo.

É imprescindível o estudo do obsesso, em quem vamos operar o trabalho que nos reclama a filantropia do coração: — estudo fisiológico e patológico, estudo das causas determinantes dos sofrimentos que nos comovem; estudo do meio em que vamos atuar; dos sentimentos religiosos daquele a quem pretendemos curar; das suas qualidades morais; dos seus princípios; da sua educação, do tempo, de tudo, finalmente, que possa concorrer para nossa orientação no trabalho que pretendemos fazer. Nesse estudo sério, seguro, é que podemos encontrar o fio de Ariadne que nos guiará na obra de salvação do infeliz irmão, ovelha desgarrada, na frase do Evangelho — para a qual seremos o pastor, mas com os sentimentos do pastor.

A palavra só deve entrar na casa do obsesso como coisa secundária; o que lhe devemos levar são

sentimentos, são qualidades morais que se imponham: — a fé do verdadeiro Levita, a seriedade do verdadeiro Sacerdote!

E não há fugir desse pensamento, e não há fugir desse princípio, quando a razão nos diz que vamos colocar-nos entre a justiça de Deus e um infeliz — que vamos colocar o nosso coração como antemural à vontade do Eterno, que tudo vê, tudo sente.

Não há fugir dessa doutrina, quando sabemos que de Deus são completamente desconhecidas as fórmulas da boa-vontade e que nos seus domínios só pode penetrar o espírito da fé.

Curar! Quem não procura curar?

Suavizar os sofrimentos alheios, participar as dores dos seus semelhantes, beber no cálice das suas amarguras; quem não o procura fazer?

Todos quantos têm o sentimento cristão — todos os que não pulverizam os sentimentos do amor, inato no coração das criaturas e aí colocado pela mão de Deus!

Mas, que todos se revejam no Mestre; — que todos se lembrem de suas palavras quando, procurado pelos enfermos e obcecados, do corpo e do espírito, lhes dizia não convir que se curassem, porque não convinha, na linguagem do Espírito, fossem agravar suas responsabilidades, fazendo mau uso de uma graça recebida. Ainda mais: — não convinha se curassem porque necessitavam das provações e das expiações para se elevarem aos pés de Deus, o que não conseguiriam com a saúde do corpo, mas, sim, com a saúde do Espírito.

Amigos! Deixo-vos, para repouso do aparelho que me serve, e não continuarei enquanto não me honrardes,

solicitando o meu concurso para o vosso estudo. Rogo-vos, como verdadeiro amigo, me interrogueis sobre os pontos que porventura não puderdes aceitar, para que eu, com os elementos de que disponha no vosso médium, me faça melhor compreender, ou seja por vós esclarecido.



Sinto-me bem no meio de amigos que procuram comigo investigar a verdade necessária ao progresso da Humanidade, e isso sem os preconceitos e os prejuízos que desvirtuam um estudo que deve ser feito com humildade e verdadeiro interesse.

Da comunicação apresentada ao vosso estudo crítico, procuremos tirar as necessárias premissas e suas conseqüências imediatas.

Deixando de parte a forma, que nada interessa à questão de que tratamos, vejamos o que podemos encontrar no fundo, que aproveite aos nossos Espíritos ávidos de luz e de novos conhecimentos.

Primeira questão: — Deve o espírita tentar a cura de obsessões, quando sabe previamente que tudo tem a sua razão de ser — que tudo é feito pela vontade de Deus — e que até os cabelos da cabeça de cada um estão contados?

Responderei, como regra absoluta: Sim!

Segunda questão: — Pode o espírita, cômico da sua fraqueza, da deficiência da sua força moral, ir ao encontro dos obsessos, procurando salvá-los da perseguição, da dor e do sofrimento que os comovem?

Ainda respondo: — *Sim!* — também como regra absoluta.

Terceira questão: — Mas deve o espírita, levado tão-somente pelo conhecimento que tem da Doutrina e pela esperança da graça que há de receber, tentar a cura, desprezando os meios aconselhados?

Não!

E isso, meus amigos, pela simples razão de não ser admissível colocar-se à cabeceira de um enfermo um médico que ignore completamente a Medicina!

De igual modo que o médico, que trata do corpo, não cura apenas com a sua boa-vontade, mas procura os meios terapêuticos para combater a enfermidade denunciada pelo estado patológico do enfermo, assim o espírita, médico que deve ser da alma, tem que procurar os meios adequados à higiene da alma para curá-la, debelando as causas determinantes do mal que o entristece e lhe desperta a vontade de praticar o bem.

Admitir que do simples encontro de um espírita com um obsesso pudesse resultar o afastamento do algoz e a garantia da vítima, fora admitir um capricho da Divindade, suscetível de ser desfeito ao primeiro gesto humano.

Mas, se Deus é justo, se Deus é misericordioso e se ninguém o pode exceder em sentimento de caridade, compreenderéis a impossibilidade de qualquer tentativa nesse sentido; compreenderéis, ainda mais, a responsabilidade que advém, para o vosso Espírito, da profanação das coisas santas, sujeitas à justiça de Deus!

Falando do sentimento que muitas vezes vos faz estremecer a alma e que supondes ser o da caridade, por isso que não podeis ainda compreender a grandeza e a santidade deste sentimento, deixei perceber a todos vós que melhor seria lhe chamássemos sentimento filantrópico, sentimento este que, não sendo a caridade, mas o seu princípio a desabrochar no vosso Espírito, não vos inibe contudo, de tratar dos vossos irmãos vítimas de obsessões, desde que, com prudência, com critério e com a razão, saibais dar direção aos vossos atos de filantropia, exercitando assim o vosso Espírito na prática do bem, proporcionando-lhe dia a dia novas forças e novas luzes para o seu alevantamento moral, e para o progresso da Doutrina.

Quando o espírita tem fé, mas fé sentida; quando o espírita tem amor, mas amor esclarecido; quando o espírita tem caridade, mas a caridade provada, vai, sem cogitações estranhas, ao encontro dos que sofrem e, a exemplo do Mestre e dos Apóstolos, expele os demônios, dá vista aos cegos e faz andar os paralíticos.

Quando, porém, o espírita apenas por tradição conhece esses sentimentos; quando é o primeiro a ter consciência da fraqueza de sua alma para se fazer de antemural entre a justiça de Deus e o sofrimento do seu semelhante; quando, apesar de tudo isso, aspira — o que é muito natural —, deseja — o que é nobre — chegar à condição daquele que possui os grandes sentimentos da alma, o espírita não pode deixar de ser prudente, criterioso e sensato, procurando os meios de suprir os sentimentos que lhe faltem na alma, a fim de desempenhar o seu dever de cristão e de espírita.

É neste ponto que intervém o estudo fisiológico e patológico das causas determinantes do sofrimento, o estudo do meio onde se vai agir, do tempo, de tudo, finalmente, que respeita ao trabalho que se tem de fazer.

O espírito, diante do obsessivo, está diante do desconhecido, e, de igual modo que nenhum homem se aventura a explorar certa zona desconhecida, sem fazer o necessário reconhecimento para caminhar com desassombro e abrir a sua estrada, assim também esse estudo patológico das causas determinantes do sofrimento constitui o reconhecimento necessário ao trabalho que se vai tentar, por isso que nele se encontram os elementos substitutivos da fé que opera a remoção das montanhas — do amor que faz a unificação das almas — da caridade que se distende por todo o infinito!

Princípio invariável: — Em todos os casos de obsessão há sempre um estado mórbido a combater — estado mórbido esse que é causa ou efeito.

Sendo assim, o estudo fisiológico é imprescindível, meus amigos, os meios terapêuticos são mais que necessários, por isso que se trata de entrar num jogo — se assim me posso exprimir — de desequilíbrio de órgãos desmantelados pela absorção de fluidos que têm alterado a economia peculiar a cada ser.

Restabelecer os órgãos, trazê-los às funções normais, é um trabalho tanto mais necessário quanto sabemos que, às vezes, a sua desorganização é que permite o estabelecimento do laço entre o obsessivo e o obsessivo. Isso quanto à parte fisiológica.

Quanto à parte moral, porque o vosso fito seja restabelecer o *obsidiado*, não podeis, contudo, abandonar

o obsessor que tendes diante de vós e que, por mau, nem por isso deixa de ser vosso irmão e de estar debaixo da misericórdia de Deus. Por convir sejam concomitantes as curas de ambos, é que se torna impossível, simplesmente pela boa-vontade, obter a graça que muitas vezes ides invocar da misericórdia e do amor do Altíssimo.

Sem dúvida, Deus, na sua sabedoria e vontade, pode, num dado momento, afugentar todas as legiões de maus Espíritos. Mas, se Deus não quer a morte do pecador e sim que ele se salve, Deus não permite que, pela simples evocação do seu nome, se restabeleça um que precisa sofrer e expiar faltas cometidas, e se lancem às trevas, ao desespero, outros, que também são filhos e que se não o amam é porque o não conhecem!

Assim, pois, o bem deve ser feito indistintamente, seja qual for o terreno em que houvermos de o praticar. Mas, nem o próprio bem pode excluir a nossa razão, quando, tratando-se da justiça de Deus, pretendemos contrariá-la.

O Pai ama seus filhos e abre seu amoroso seio a recebê-los, quando os filhos sabem ir a Ele. Deus apazigua os males da Humanidade; Deus retira a espada da sua justiça de sobre a cabeça dos seus filhos; porém, somente quando da alma destes mesmos filhos brota, santificado, o doce eflúvio da caridade divina, cujos germes foram ali depositados para se desenvolverem e voltarem ao seu seio.

Se tendes fé, se tendes amor, se tendes caridade, cerrai os olhos, marchai mesmo para o desconhecido e produzireis assombros!

Se tendes paixões, se tendes vícios, se tendes crimes, sede prudentes. Marchai tímidos, reconhecei o

terreno em que pisais, cercai-vos dos meios necessários ao vosso empreendimento e curai obsidiados e obsessores pela graça do Senhor, que reconhece a vossa humildade e o vosso firme desejo de praticar o bem, apesar de serdes pequeninos.

Meus amigos! não quero fatigar a quem me serve tão passivamente. Que Deus em seu infinito amor permita, por intermédio dos vossos Guias, possais ter bem claro o vosso entendimento para compreenderdes — não os conselhos do mestre, e sim as provas de amizade que vos dá o vosso amigo e irmão.



Bendito seja o Senhor, que permite a um pobre Espírito, desejoso de luz e de progresso, vir junto de seus irmãos da Terra expender pálidos pensamentos doutrinários com o fim justo — não de ensinar — mas de permutar com eles os sentimentos que lhe vão na alma, estabelecendo desta sorte o laço da amizade espiritual — prenúncio indubitável do amor a que tendemos.

Voltando às comunicações apresentadas ao vosso exame, procuremos ainda tirar as conseqüências das premissas formuladas, completando o nosso estudo relativamente à cura das obsessões.

Ficou estabelecido que aquele que tem a fé, conforme a queria Jesus, isto é, a do grão de mostarda — não precisa de fórmulas e cuidados prescritos pela patogenesia para a reabilitação dos enfermos da alma e do corpo.

Ficou também estabelecido que aquele que se reconhece fraco espiritualmente; aquele em que se podem apontar erros e culpas — não se deve levar simplesmente

pela boa-vontade, esperando da graça do Senhor aquilo que só pode conquistar pelo esforço próprio, no trabalho consecutivo e cotidiano do aperfeiçoamento das suas funções espirituais, por isso que — disse eu —, a admitir-se hipótese contrária, teríamos, não um Deus justo e bom, mas um Deus caprichoso e suscetível dos erros e crimes das suas próprias criaturas.

Ficou também estabelecido que é uma necessidade o exame patológico do enfermo, por isso que há sempre um estado mórbido a combater — estado mórbido que pode ser a causa da obsessão, mas que também pode ser efeito desta.

São duas coisas distintas, meus amigos, cada qual requerendo tratamento especial, porquanto no primeiro caso a vossa ação se deve exercer toda sobre o obsidiado, ao passo que no segundo deve ser toda exercida sobre o obsessor.

O estudo patológico tanto mais necessário e conveniente se torna aos nossos olhos, quanto precisamos conduzir-nos com todo o critério na vida de relação, com todo o bom-senso na vida social — vida de relação, vida social onde as moléstias, mal ou bem, estão classificadas e conhecidas — onde seria um desar para a Doutrina confundir a encefalite, a esplenite, a mielite, o histerismo e a epilepsia com a presença de Espíritos obsessores, aos quais pretendeis levar a luz, o conselho salutar, o restabelecimento, finalmente.

Bem compreendeis que, na hipótese de uma dessas moléstias, é natural haja sempre influências estranhas, que se aproveitam do estado mórbido, mas não é isso o que realmente se pode chamar obsessão.

Em tal caso, feito o tratamento com os agentes terapêuticos, tem-se o restabelecimento dos órgãos, a volta da saúde: cessando a causa, cessam os efeitos.

Entretanto, quando os órgãos são levados ao desequilíbrio pela absorção de fluidos, pela presença constante do Espírito que obsidia, o tratamento deve convergir todo para a causa estranha que se apresenta determinando as desorganizações mentais, a perda da vontade, o aniquilamento do livre-arbítrio.

É nesse ponto que quase sempre vos encontrais fracos; é nesse trabalho mecânico — por isso que é um trabalho todo de fluidos — que vos encontrais em sérios embarços, sofrendo, quem sabe, muitas vezes desfalecimentos que vos levariam à descrença, ao abandono da Doutrina de Jesus, se os vossos Guias não vos viessem tocar a consciência, mostrando a improcedência dos vossos raciocínios, que vos impelem a vos julgardes alucinadamente superiores a Deus.

Assim como para combater uma causa física se antepõe uma força física, assim também para combater uma causa moral é preciso antepor-lhe a força moral.

Sendo certo que o Espírito obsidiado tem o seu perispirito impregnado, saturado de fluidos maus e perniciosos, deveis, pela potência da vontade, produzir o trabalho que nada tem de material ou mecânico e que consiste em lhe antepor fluidos puros e salutareis; e essa pureza, essa salubridade dos fluidos só pode vir da superioridade moral do vosso eu — superioridade moral que vos dá autoridade — a que nenhum Espírito pode

resistir, pois que não há em absoluto a homogeneidade que permitiria o exercício de força contrária à Lei, e vós estareis dentro da Lei!

Eis por que eu disse que convinha toda a prudência ao vos conduzirdes nesses trabalhos espinhosos, porque o homem, que não tem consigo elementos de salvação, não se atira sobre as ondas do oceano revolto que o pode sorver, que o pode tragar no seu seio tempestuoso.

A boa-vontade pode ser um meio, mas não é tudo.

O homem que quer destruir a montanha não cruza os braços, limitando-se a dizer a Deus, ou à Natureza, que tem vontade de que a montanha seja destruída: vai buscar a ferramenta, trabalha até à mortificação do corpo, cava a rocha e faz a destruição.

Tendes boa-vontade de curar, é justo, eu já o disse. Mas a obsessão é uma montanha extraordinária de paixões e sentimentos desordenados, para cuja destruição precisais das ferramentas do amor, das ferramentas da humildade e da verdadeira abnegação.

Se o vosso Espírito comporta todos esses sentimentos grandes; se a vossa alma pode absorver toda a doutrina emanada do Evangelho de Jesus; por que não o dilatar de todo?

Por que não amar — por que não ser humilde, desde que sabeis que só o amor e a humildade darão capacidade moral para produzir os assombros obtidos pelos Santos Apóstolos quando, em nome do Divino Mestre, iam de cidade em cidade, de aldeia em aldeia, pregando a sua doutrina — limpando os corpos e purificando as almas?

Irmãos! Não vos iludam os caprichos da carne; não vos iludam esses fogos-fátuos das grandezas humanas, que não podem aclarar a ínvia estrada da vossa existência sobre a Terra, nem vos apontar os marcos do gozo que não morre!

Em cada um de vós vejo, é certo, um pecador; mas, antes, vejo em cada um de vós uma vontade; e, se essa vontade souber exercitar-se, se souber fazer uso do poder, os arruinados castelos de dificuldades serão destruídos para todo o sempre e sobre os seus destroços se levantarão os vossos Espíritos, pecadores de hoje, puros e glorificados por um Deus que é justo!

Dar pouco já é dar alguma coisa. Se reconheceis no vosso Espírito a fraqueza para os grandes cometimentos da alma, orai, pedi forças a Jesus, e nem de longe acrediteis que vos seja negada a gota de água para os lábios ressequidos — um raio de luz da misericórdia divina ao vosso coração que se humilha, ao vosso Espírito que se abate para se levantar!

Quando assim fizerdes; quando compreenderdes que ser espírita não é ser homem, mas cristão; quando souberdes dar todo o valor a essa graça que vos é concedida pelo esposamento completo da doutrina que se vos prega; quando, finalmente, vos convencerdes de que éreis náufragos nesse mundo, e que Deus bondosamente fez chegar às vossas mãos a tábua do Evangelho; então podereis ir à casa do doente obsidiado e, dizendo simplesmente — «A paz de Jesus esteja nesta casa» — o doente terá a paz, terá a saúde no corpo e na alma, por Jesus-Cristo, em nome do qual tereis ido praticar o bem, cumprindo a sua lei!

Meus Irmãos! Meus dedicados Amigos! Não quero fatigar o vosso companheiro.

O que vos tenho dito basta para compreenderdes o modo por que deveis proceder quando vos achardes em presença de um obsidiado.

Que Deus aclare o vosso entendimento, que Jesus, por intermédio dos bons Guias, vos dê todas as intuições do bem para a vossa felicidade nesse mundo e no mundo onde vos espero.

Que assim seja!

Allan Kardec

CONCLUSÃO

Publicando as instruções dadas por Allan Kardec, a Sociedade Espírita «Fraternidade» não só satisfaz à vontade daquele missionário, como também cumpre um dever imposto à sua consciência e manifesto nas opiniões dos seus associados.

Não pode, porém, calar a necessidade que há de fazer-se alguma coisa de sério e positivo a respeito do que tem sido aventado e proposto por muitos, em diversas épocas, relativamente a uma união geral e verdadeira, debaixo de uma única direção, que determine o método, a disciplina e o movimento de todos os grupos, estabelecendo a escola e a força que nos faltam.

Não será chegado o tempo de algo produzirmos? Não basta de ridículo e de falsas apreciações sobre a Doutrina e seus adeptos? Não estaremos ainda cansados de esterilidade?

Não temos a pretensão de que só conosco esteja a verdade e de que sejamos os únicos no bom caminho, nem julgamos e muito menos condenamos a quem quer que seja. Mas, mantendo a «Fraternidade» sempre

perseverante e de pé, apesar de todas as lutas e adversidades, apesar da deserção da maior parte dos seus irmãos e filhos, que aqui foram criados, que aqui receberam a luz e aqui desenvolveram suas faculdades, aceitando as comunicações do Mestre, sem idéias preconcebidas; estamos certos de que o Guia Ismael empunha o seu estandarte no seio desta Sociedade — tenda levantada por ele mesmo — e para ela chama todos os de boa-vontade e sinceros nas suas convicções, que queiram concorrer para a formação do grande agrupamento donde parta a orientação e se irradie a luz da verdade.

Se o trabalho em comum e com grande número é uma dificuldade, muito maior é, com efeito, a desunião, a adoção de métodos e direções diferentes, sem prudência, disciplina e fiscalização daqueles que, mais práticos, mais entendidos, podem ser os transmissores da vontade e direção do Guia.

Se a fascinação e a imprevidência têm levado alguns a constituir grupos onde, debaixo de um mal-entendido princípio de publicidade, se prestam ao motejo e zombaria dos que os freqüentam e não encontram ao menos a seriedade e o bom-senso; se a pretensão e o orgulho de outros temerários os têm levado a provocar trabalhos que intitulam de Espiritismo e que só hão servido para o estrago dos médiuns, obcecação dos seus Espíritos e representação de uma farsa aplaudida tão-somente pelos zombeteiros do Espaço, acarretando o ridículo para a Doutrina e a pecha, que todos temos, de doidos e visionários; se os mais santos trabalhos, tais os das curas físicas e morais, só têm servido para despertar a inveja, a especulação, o interesse sórdido e a

curiosidade dos falsos crentes, que profanam e nodoam uma fonte de propaganda e de provas; é dever de todos os sinceros — dos que compreendem e sentem a responsabilidade individual e coletiva que lhes toca — vir em socorro dos que se desviam e comprometem, estabelecendo essa união, esse agrupamento homogêneo e solidário, invariável no seu método e no seu objetivo, onde, com a força e a luz que lhes advirão do Alto, poderão arrebanhar as ovelhas transviadas, orientar os cegos e, em nome da Doutrina, protestar contra os que, falsos profetas, a desvirtuam e profanam, tornando-se instrumentos dos filhos das trevas e não a personificação da Verdade.

Sociedade Espírita “Fraternidade” ⁽¹⁾

⁽¹⁾ **Nota da Editora**, em 1973: As diversas mensagens do Espírito Allan Kardec, aqui reunidas, foram transmitidas através do médium FREDERICO Pereira da Silva JÚNIOR, na Sociedade Espírita “Fraternidade”, no Rio de Janeiro, em 1888 e 1889.

Foram elas enfeixadas num opúsculo para distribuição gratuita, pela Federação Espírita Brasileira, intitulado “Ditados de Allan Kardec”, do qual circularam pelo menos três edições, a 3ª em 1934. Mas a primeira publicação das mensagens ocorreu em 1893.

Pela sua grande importância e permanente atualidade, a **Casa-Máter do Espiritismo** as incluiu, de há muito, neste volume.

Para os que desejam maiores detalhes a respeito do trabalho pioneiro dos spiritistas brasileiros, recomendamos as obras, editadas pela FEB, “Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho”, do Espírito Humberto de Campos (médium Francisco Cândido Xavier), e “Grandes Espíritas do Brasil”, de Zêus Wantuil.

I — PEDI E OBTEREIS

Qualidade da prece. — Eficácia da prece. — Ação da prece. Transmissão do pensamento. — Preces inteligíveis. — Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores. — INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS. — Maneira de orar. — Satisfação decorrente da prece.

QUALIDADE DA PRECE ⁽¹⁾

1. Quando orardes, não vos assemelheis aos hipócritas, que fingem orar conservando-se em pé nas sinagogas e nos cantos das ruas, para serem vistos pelos homens. Em verdade vos digo que já receberam a sua recompensa. Mas, quando quiserdes orar, entrai no vosso quarto e, fechando a porta, orai a vosso Pai em segredo; e o vosso Pai, que vê tudo o que se passa em segredo, vos dará a recompensa.

⁽¹⁾ Uma explanação evangélica, feita de modo completo, sobre as teses que fundamentam as preces, será encontrada em **O Evangelho segundo o Espiritismo**, de Allan Kardec, editado pela FEB.

Não afeteis orar muito em vossas preces, como fazem os pagãos, julgando que pela quantidade de palavras serão atendidos. Não vos torneis semelhantes a eles, porque vosso Pai sabe do que necessitais antes de lho pedirdes. (Mateus, cap. VI, 5 a 8.)

2. Quando vos aprestardes para orar, se tiverdes alguma queixa contra alguém, perdoai-lha a fim de que vosso Pai, que está nos céus, vos perdoe também os pecados. Se não lhe perdoardes, vosso Pai, que está nos céus, também não perdoará os vossos pecados. (Marcos, cap. XI, 25 e 26.)

3. Propôs também esta parábola aos que confiavam em si, como se fossem justos, e desprezavam os outros:

Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu, publicano o outro. O fariseu, de pé, orava intimamente desta forma: Meu Deus, graças vos dou por não ser como o resto dos homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como este publicano; jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo o que possuo.

O publicano, pelo contrário, conservando-se afastado, nem mesmo ousava levantar os olhos para o céu, mas batia no peito, dizendo: Meu Deus, tende piedade de mim, que sou pecador.

Eu vos declaro que este voltou para sua casa, justificado, e o outro não; porque aquele que se exalta será humilhado e aquele que se humilha será exaltado. (Lucas, cap. XVIII, 9 a 14.)

4. As qualidades da prece foram, assim, distintamente definidas por Jesus. Quando quiserdes

orar, disse ele, evitai que vos vejam; orai secretamente; evitai orar muito, pois não é pela multiplicidade das palavras que sereis atendidos, mas pela sinceridade da prece. Se, antes de orar, tiverdes algum ressentimento contra alguém, perdoai-lhe, porque a prece deixa de ser agradável a Deus, quando não parte de um coração puro de todo sentimento contrário à caridade. Orai, enfim, com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu; examinai as vossas faltas e não as vossas qualidades, e, quando vos comparardes aos outros, procurai o que de mau existe em vós.

EFICÁCIA DA PRECE

5. Tudo quanto pedirdes pela prece, crede que obtereis e que vos será concedido. (Marcos, cap. XI, 24.)

6. Há pessoas que contestam a eficácia da prece, fundadas em que, conhecendo Deus as nossas necessidades, é supérfluo que lhas exponhamos. Acrescentam que, encadeando-se todo o Universo por meio de leis eternas, não podem os nossos votos alterar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma, existem leis naturais e imutáveis, que Deus não derogaria conforme o capricho de cada um; mas daí a se crer que todas as circunstâncias da vida são submetidas à fatalidade vai grande distância. Se assim fora, o homem não seria mais que um instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa, hipótese em que só lhe restaria curvar a cabeça sob o peso de todos os acontecimentos, sem buscar evitá-los,

sem procurar desviar-lhes os golpes. Se Deus lhe concedeu raciocínio e inteligência, foi para que deles se servisse, assim como lhe deu a vontade para querer, a atividade para ser posta em ação. O homem, pela liberdade que tem de agir em outro sentido, é que faz com que seus atos lhe tragam para si e para outrem conseqüências derivadas do que ele praticou ou deixou de praticar. Da sua iniciativa se originam acontecimentos que escapam forçosamente à fatalidade e que nem por isso destroem a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o adiantamento ou o atraso do ponteiro de um relógio não derroga a lei do movimento a que está sujeito o mecanismo.

Assim, Deus pode aceder a certos pedidos sem infirmar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, dependendo sempre disso do assentimento de sua vontade.

7. Seria ilógico concluir desta máxima: «Tudo quanto pedirdes pela prece vos será concedido», que baste pedir para obter; como injusto fora acusar a Providência por não anuir a todos os pedidos que lhe são feitos, porquanto, melhor que nós, ela sabe o de que necessitamos. Dessa maneira é que procede o pai prudente: recusa ao filho o que seja contrário ao interesse deste. Em geral, o homem só vê o presente. Ora, se o sofrimento é útil à sua felicidade futura, claro está que Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra numa operação que lhe trará a cura.

O que Deus poderá conceder, se confiante o homem lhe suplicar, é a coragem. Na paciência e na resignação, igualmente encontra ele meios de escapar aos embaraços, pelo auxílio das idéias que os bons Espíritos lhe

sugerem, deixando-lhe, porém, o mérito da ação. Deus assiste os que se ajudam a si mesmos, confirmando esta máxima: «Ajuda-te e o céu te ajudará.» Não auxilia os que tudo esperam do socorro estranho, sem usar das próprias faculdades, sem nada fazer, preferindo a maior parte das vezes ser socorrido por milagre.

8. Exemplifiquemos: Um homem se extraviou no deserto. Sofreu horrível sede, sente-se desfalecer, deixa-se cair no chão, e pede a Deus assistência. Espera, mas nenhum anjo lhe vem trazer água. Todavia, um bom Espírito lhe *sugere* a idéia de se levantar e seguir um dos atalhos que vê diante de si. Por movimento maquinal, reunindo todas as forças, levanta-se e caminha ao acaso. Chegando a uma proeminência, descobre ao longe um regato, e, ao vê-lo, recobra a coragem. Ora, se ele tiver fé, exclamará: «Obrigado, meu Deus, pela idéia que me inspiraste e pela força que me deste.» Se não tiver fé, exclamará: Que boa idéia *tive eu!* Que fortuna em preferir o atalho da direita ao da esquerda; realmente o acaso nos auxilia muitas vezes! Como me felicito pela *minha coragem* e por me não haver deixado desanimar!

Mas, perguntarão, por que não lhe disse claramente o bom Espírito: Segue este atalho e ao fim encontrarás o que precisas? Por que não se mostrou para guiá-lo e erguê-lo do abatimento? Por esse modo o convenceria da intervenção providencial.

Tal não se deu, primeiro, para que ele aprendesse ser preciso ao homem auxiliar-se a si mesmo, fazer uso das próprias forças; segundo, para, deixando-o na incerteza, despertar-lhe a fé. Deus põe em prova a confiança nele depositada e a submissão à sua vontade.

Aquele homem se achava na situação de uma criança que cai e, se percebe alguém, grita e espera que esse alguém venha levantá-la. Se, porém, não vê ninguém, faz esforços e ergue-se sozinha.

Se o anjo que acompanhou Tobias lhe houvera dito: «Sou enviado de Deus para te guiar na tua viagem e preservar-te dos perigos», Tobias não teria tido mérito algum. Confiando no companheiro, nem precisaria pensar; por isso, o anjo só se deu a conhecer quando ele regressou.

AÇÃO DA PRECE. TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

9. A prece é uma evocação. Por meio dela pomos o pensamento em relação com o ente a quem a dirigimos. Pode ter por escopo um pedido, um agradecimento, uma glorificação. Quem a faz pode pedir para si ou para outrem, pelos vivos ou pelos mortos. As preces dirigidas a Deus são ouvidas pelos Espíritos encarregados da execução da vontade divina; as que se dirigem aos bons Espíritos são levadas a Deus. Quando se ora a outros seres, além de Deus, é simplesmente como a intermediários ou intercessores, pois nada se pode obter sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo faz compreender a ação da prece, explicando o processo da transmissão do pensamento, quer o ser por quem se ora venha ao nosso chamado, quer o nosso pensamento chegue até ele. Para compreender o que se passa nessa circunstância, convém imaginar que todos os seres, encarnados e

desencarnados, se acham mergulhados no mesmo fluido universal que enche o Espaço, tal qual o estamos, neste planeta, na atmosfera. Aquele fluido recebe uma impulsão da vontade. É o veículo do pensamento, tal qual o ar é o veículo do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito.

Então, logo que o pensamento é dirigido para um ser qualquer, na Terra ou no Espaço, de encarnado a desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece, de um para outro, transmitindo o pensamento, tal qual o ar transmite o som.

A energia da corrente está na razão da energia do pensamento e da vontade. É por esse meio que a prece chega aos Espíritos, estejam onde estiverem; que eles se comunicam entre si; que nos transmitem suas inspirações; que as relações se estabelecem a distância, entre os encarnados, etc.

Esta explicação é principalmente dada a quem não compreende a utilidade da prece puramente mística. Não tem por fim materializar a prece, mas dar-lhe efeito inteligível, demonstrando que ela pode ter ação direta, efetiva, sem que por isso o seu efeito deixe de estar subordinado à vontade de Deus, juiz supremo de todas as coisas, de quem, somente, depende a eficácia daquela ação.

11. Pela prece o homem atrai o concurso dos bons Espíritos, que vêm sustentá-lo nas boas resoluções e inspirar-lhe bons pensamentos. Assim, adquire ele a força necessária para vencer as dificuldades e entrar no bom caminho, se deste se houver afastado. Também

assim, desviará de si os males que por sua culpa atraísse. Por exemplo: um homem vê a sua saúde arruinada pelos excessos cometidos e arrasta, até ao fim de seus dias, uma vida de sofrimentos. Terá razão de se queixar quando não alcançar a cura? Não, porque pela prece poderia ter obtido força para resistir às más tentações.

12. Separando-se os males da vida em duas partes, uma formada pelas tribulações que o homem não pode evitar e a outra pelas que lhe causam sua incúria e excessos, ver-se-á que esta excede de muito àquela. Torna-se, pois, evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, e que as evitaria se sempre agisse com prudência e acerto.

É igualmente real que essas misérias resultam de infringirmos as leis de Deus, e que, se as observássemos, fielmente, seríamos perfeitamente felizes. Se não excedêssemos o limite do necessário na satisfação das nossas necessidades, evitaríamos as enfermidades que são a conseqüência dos excessos, e as vicissitudes a que essas moléstias nos arrastam; se limitássemos as nossas ambições, não teríamos a ruína; se não quiséssemos subir além do que podemos, não teríamos a queda; se fôssemos humildes, não passaríamos pela decepção de ver abatido o nosso orgulho; se praticássemos a lei da caridade, não seríamos mendigos, nem invejosos, ou ciumentos; evitaríamos as questiúnculas e as dissensões; se não fizéssemos mal aos outros, não recearíamos as vinganças, etc.

Admitindo que o homem nada possa contra os outros males, e que a prece seja ineficaz para deles preservá-lo, já

não será bastante que possa libertar-se de todos os que provêm de si mesmo? Ora, aqui a ação da prece se concebe facilmente, pois tem por fim obter a inspiração salutar dos bons Espíritos e a força para resistir aos maus pensamentos, cuja execução pode ser funesta. Neste caso, *não é o mal que eles desviam, mas o nosso mau pensamento que, aliás, nos pode causar grande mal; não embarçam, em coisa alguma, os decretos de Deus; não suspendem o curso das leis da Natureza; apenas impedem que infrinjamos essas leis dirigindo o nosso livre-arbítrio.* Mas fazem-no sem que o saibamos, de modo oculto, para não nos tolher a vontade. O homem ficará, então, na posição de quem solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando sempre a liberdade de os seguir ou não. Deus assim o quer para que o homem tenha responsabilidade dos seus atos e para lhe deixar o mérito da escolha entre o bem e o mal. Isso, o homem pode ter a certeza de obter sempre, se pede com fervor. A esse caso é que se aplicam estas palavras do Evangelho: «Pedi e obtereis.»

Reduzida mesmo a esta proporção, a eficácia da prece não traria imensos resultados? Ao Espiritismo estava reservado demonstrar-nos seus efeitos, revelando as relações existentes entre o mundo corporal e o espiritual. Mas aqueles não são os seus únicos efeitos. A prece é recomendada por todos os Espíritos; renunciar a ela é desconhecer a bondade de Deus, é renunciar à sua assistência e ao bem que pode alcançar aquele que ore, e bem assim aquele por quem se ore.

13. Acedendo ao pedido que lhe é dirigido, Deus tem muitas vezes em vista recompensar o intuito, a

dedicação e a fé daquele que ora. Eis por que a prece do homem de bem tem mais mérito aos olhos de Deus, e sempre mais eficácia. O homem viciado e mau não pode orar com fervor e com a confiança que somente a verdadeira piedade inspira. Do coração do egoísta, que apenas pelos lábios ora, só *palavras* saem, jamais os impulsos caridosos que dão à prece grande poder. É tão real isto, que, instintivamente, os egoístas recorrem de preferência às preces daqueles que, por sua conduta mais agradável a Deus, são mais ouvidos.

14. Uma vez que a prece exerce uma espécie de ação magnética, poder-se-ia supor o seu efeito subordinado à potência fluídica. Mas, assim não é. Os Espíritos, pela ação fluídica que exercem sobre os homens, suprem, se preciso, a insuficiência de quem ora, quer atuando diretamente *em seu nome*, quer dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando digno desse favor ou quando a súplica possa ser útil.

Aquele que não se julgue em condições de exercer salutar influência, nem por isso deve abster-se de orar em favor de outrem, acreditando-se indigno de ser ouvido. A consciência de sua inferioridade é uma prova de humildade, sempre agradável a Deus, que leva em conta a intenção caridosa. O fervor e a confiança em Deus são o primeiro passo para o bem, passo que os bons Espíritos se sentem felizes em incentivar. Repelida só o é a prece do *orgulhoso que, confiante na sua força e no seu merecimento, crê poder substituir-se à vontade do Eterno.*

15. O valor da prece está no pensamento, sem dependência de local, de palavras e de ocasião em que seja formulada. Portanto, pode-se orar em qualquer lugar e a qualquer hora, só ou em comum.

A influência do local ou da ocasião depende de as circunstâncias favorecerem ou não o recolhimento. *A prece em comum tem ação mais poderosa, quando todos se associam de coração ao mesmo pensamento, objetivando o mesmo fim*, porque é como se muitos cantassem, em coro, ao mesmo tempo. Mas, que importa seja grande o número dos que orem, se cada qual orar insuladamente e por conta própria? Cem pessoas reunidas podem orar com o sentimento de egoístas; enquanto que duas ou três, unidas pelo pensamento, podem orar irmanadas em Deus, obtendo a sua prece mais resultado que a daquelas cem.

PRECES INTELIGÍVEIS

16. Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo, e aquele que me fala será para mim um bárbaro. — *Se oro numa língua que não entendo*, meu coração ora, mas minha inteligência nenhum fruto colhe. — Se apenas com o coração louvardes a Deus, como é que um daqueles que só a sua própria língua entendem dirá *amém*, quando terminardes a vossa ação de graça, *uma vez que ele não entende o que dizeis?* — Não é que a vossa ação não seja boa; ela, porém, *não concorrerá para a edificação dos outros.* (Paulo, *1.ª Epístola aos Coríntios*, cap. XIV, vv. 11, 14, 16 e 17.)

17. O que dá valor à prece é o pensamento que se lhe liga. Ora, impossível é que se ligue o pensamento ao que não se compreende, porquanto o que não se compreende não pode tocar o coração. Na sua imensa maioria, as preces feitas numa linguagem que aquele que as faz não compreende, não passam de um agregado de palavras que nada dizem ao Espírito. Para que a prece toque a alma, preciso é que cada uma de suas palavras desperte uma idéia. Ora, se não lhe compreendermos as palavras, ela nenhuma idéia despertará. Será a repetição de uma fórmula cuja maior ou menor virtude dependerá do número de vezes que seja repetida. Muitos oram por obrigação e alguns unicamente em obediência a um costume. Assim, uns e outros se julgam exonerados do dever de orar, desde que repetiram certo número de vezes, em tal ou qual ordem, a mesma oração.

Deus, porém, que lê nos corações, conhece o pensamento e a sinceridade de cada um. Julgá-lo mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo.

DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

18. Os Espíritos sofredores reclamam as preces. Estas lhes são úteis porque lhes mostram que neles se pensa e isso basta para que se sintam menos abandonados, menos desgraçados. Mais direta ação tem ainda sobre tais Espíritos a prece: reanima-lhes a coragem, excita-lhes o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação, e chega mesmo a impedir que pensem no mal. Neste sentido, as preces

logram, não só lhes aliviar, mas também abreviar os sofrimentos. (Vede o livro de Allan Kardec, *O Céu e o Inferno*, 2.^a Parte, «Exemplos».)

19. Certas pessoas ⁽¹⁾ não admitem a prece pelos mortos porque, segundo a crença que professam, duas unicamente são, para a alma, as alternativas: salvar-se ou ser condenada às penas eternas, sendo inútil a prece, num caso e noutro. Sem discutir o valor dessa crença, admitamos, por um instante, a realidade das penas eternas e irremissíveis, e admitamos, também, que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr termo. Dada essa hipótese, perguntamos: será lógico, será caridoso, será cristão rejeitar a prece pelos réprobos? Por impotentes que fossem para libertá-los, as preces não seriam para eles uma demonstração de piedade, capaz de lhes amenizar os sofrimentos?

Quando, na Terra, um homem é condenado à galé perpétua, embora não haja a menor esperança de se obter para ele o perdão, seria defeso a uma pessoa caritativa ir carregar com ele as correntes que o algemam, a fim de aliviá-lo do peso delas? Quando alguém é atacado de um mal incurável, ser-nos-á lícito, por não haver para ele nenhuma esperança de cura, abandoná-lo, sem que procuremos dar-lhe algum alívio? Lembremo-nos de que entre os réprobos pode encontrar-se alguém que nos seja caro, um amigo, talvez um pai, mãe ou um filho, e digamos se, pelo fato de não podermos esperar haja perdão para ele, lhe recusaríamos um copo d'água para

⁽¹⁾ Os protestantes.

lhe matar a sede, um bálsamo que lhe cure as chagas? Não sereis capaz de fazer por ele o que faríeis por um galé? Não, isso não seria cristão. Uma crença que petrifica o coração não se pode aliar com a de um Deus que, em primeiro lugar, coloca, no rol dos deveres da criatura, o amor ao próximo.

O não admitir a eternidade das penas, não implica a negação de uma penalidade temporária, porquanto Deus, na sua justiça, não pode confundir o bem com o mal. Ora, negar, neste caso, a eficácia da prece, fora negar a eficácia do consolo, fora negar que haurimos forças na assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam em razão mais especiosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Deus, dizem esses, não pode mudar suas decisões porque lho peçam as criaturas; não fosse assim, e o mundo careceria de estabilidade. O homem nada tem, pois, que pedir a Deus; só tem que se submeter e adorá-lo.

Há neste modo de pensar uma falsa aplicação da imutabilidade da lei divina, ou melhor — ignorância da lei, no que respeita à penalidade futura. Essa lei os Espíritos do Senhor a revelaram agora, quando o homem já se acha suficientemente maduro para compreender o que, na fé, está conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, em nenhuma conta são tidos o pesar e o arrependimento do culpado. Supérfluo lhe é qualquer desejo de se tornar melhor, uma vez que está condenado a permanecer no mal perpetuamente. Se foi condenado por limitado tempo, a pena cessará quando expirar o prazo da

condenação. Mas quem nos diz que, ao se verificar isto, não sejam mais acentuadas as suas disposições para melhorar? Quem nos diz que, a exemplo do que ocorre com muitos condenados da Terra, ao sair da prisão ele não se conserve tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria aumentar o castigo continuar a afligir um homem que se converte ao bem; no segundo, seria conceder a graça a um que permaneceu culpado. A lei de Deus é mais previdente do que isso. Sempre justa, eqüitativa e misericordiosa, ela não prefixa duração à pena, seja qual for, e se resume assim:

21. «O homem sofre sempre a consequência de suas faltas. Nem uma só infração da lei de Deus deixa de ter adequada punição.

«A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta.

«A duração do castigo de uma falta qualquer é *indeterminada, depende do arrependimento do culpado e da volta ao caminho do bem*. A pena dura tanto quanto a obstinação no mal. É de curta duração se pronto é o arrependimento.

«Desde que o culpado brade: Misericórdia! Deus o ouve e lhe manda a esperança. Mas não basta que o culpado apenas deplore o mal que fez; é necessária a reparação. Daí vem o ser submetido a novas provas, em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito.

«Assim, o homem é, constantemente, o árbitro da sua própria sorte. Pode abreviar o suplício ou prolongá-lo

indefinidamente. Sua felicidade ou desgraça dependem da vontade que tenha de fazer o bem.»

Tal é a lei, lei *imutável* e conforme à bondade e à justiça de Deus.

O Espírito culpado e desgraçado pode, pois, salvar-se por si mesmo; a lei de Deus lhe diz em que condições o conseguirá. O que mais amiúde lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Ora, se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, *em lugar de pedir a Deus que derogue sua lei, nós nos tornamos instrumentos da execução da lei de amor e de caridade*, da qual permite Ele participemos, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Vede: *O Céu e o Inferno*, citado, 1.^a Parte, caps. VI, VII, VIII.)

II — INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

MANEIRA DE ORAR

22. O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia é a prece. Quase todos vós orais, mas quão poucos sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que, em seguida umas às outras, articulais maquinalmente, constituindo isso um hábito que considerais cumprimento de dever que vos pesa, qual pesam todos os deveres?

A prece do cristão, do *espírita*, qualquer que seja o seu culto, deve ser feita logo que o Espírito retoma o peso da carne. Deve elevar-se à Majestade Divina com humildade, vinda das profundezas do «eu», num transporte de gratidão por todos os benefícios até aquele dia concedidos; pela noite que acaba de passar e durante a qual lhe foi permitido, ainda que a mau grado, ir ter com os vossos amigos, ou Guias, a fim de haurirdes do contacto com eles mais força e perseverança. Ela deve elevar-se humilde ao Senhor, para lhe recomendar vossa fraqueza, para suplicar amparo, indulgência,

misericórdia. Deve ser profunda, pois a alma nas asas da prece deve elevar-se ao Criador, transfigurando-se, qual Jesus no Tabor, a fim de lá chegar nívea e radiosa de esperança e de amor.

Na prece deveis formular o pedido das graças de que tiverdes necessidade, mas necessidade real. Inútil será pedirdes ao Senhor que abrevie vossas provas, que vos dê alegria e riquezas. Pedi-lhe vos conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digais, como fazem muitos: «Não vale a pena orar, pois que Deus não me atenderá.» Na maior parte das vezes, que pedis a Deus? Quantas vezes já vos lembrastes de pedir o vosso melhoramento moral? Decerto, bem poucas. Mas, em compensação, vos tendes lembrado de pedir *bom êxito nas vossas empresas terrenas* e muitas vezes haveis exclamado: «Deus não se ocupa conosco; se se ocupasse, não haveria tantas injustiças.» Insensatos! ingratos! se descêsseis ao fundo das vossas consciências, descobriríeis quase sempre em vós mesmos o ponto de partida dos males de que vos queixais. Pedi, portanto, antes de tudo, a vossa melhoria, e vereis que torrentes de graças e de consolações vos banharão.

Deveis orar incessantemente, sem que para isso seja necessário vos recolhais ao vosso oratório ou vos lanceis de joelhos nas praças públicas. A prece de cada dia consiste no cumprimento dos vossos deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. Não é praticar um ato de amor para com Deus — o prestardes aos vossos irmãos a assistência de que eles tenham necessidade, moral ou física? Não é praticar ato de reconhecimento — o elevardes o vosso pensamento a

Ele — quando vos vem uma felicidade, quando evitaes um acidente, quando uma contrariedade apenas vos roça, dizendo: — *Sede bendito, meu Pai?* Não é praticar um ato de contrição — o vos humilhades diante do Juiz Supremo, quando sentis que falistes, ainda que lhe dirigindo somente um pensamento fugitivo e dizendo: *Perdoai-me, meu Deus, pois que pequei* (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade), *dai-me a força de não mais falir e a coragem de reparar a minha falta?*

SATISFAÇÃO DECORRENTE DA PRECE

23. Vinde, vós todos que desejais crer: os Espíritos celestes acorrem e vos vêm anunciar grandes coisas. Deus abre seus tesouros para vos dar todos os benefícios. Homens incrédulos! se soubésseis quanto bem faz a fé ao coração e como encaminha a alma para o arrependimento e para a prece! A prece! Quão tocantes são as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que abranda o excessivo calor das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos leva à senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estais com Deus. Para vós não há mais mistérios: Ele se vos desvenda.

Apóstolos do pensamento, a vida é toda para vós outros. Vossas almas se desprendem da matéria e rolam por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem.

Marchai, marchai pelas veredas da prece e ouvireis as vozes dos anjos. Que harmonia! Nada mais que se

pareça com o ruído confuso e com os estridores agudos da Terra. São as líras dos arcanjos, são as vozes ternas e suaves dos serafins, mais leves do que as brisas matutinas quando brincam na folhagem dos grandes bosques terrenos. Por entre quantas delícias caminhais! A vossa linguagem não poderá definir essa felicidade que vos entra abundante pelos poros, tão viva e refrigerante é a fonte em que se bebe quando se ora! Doces vozes, embriagadores perfumes, que a alma ouve e aspira quando se transporta, pela prece, a essas esferas desconhecidas e habitadas! Sem mescla de desejos carnisais, todas as aspirações são divinas.

Orai à semelhança do Cristo quando levava a sua cruz ao Calvário. Carregai também a vossa cruz e sentireis as dulcíssimas emoções que sua alma experimentava, ainda que o oprimisse o peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai. (*Santo Agostinho*, Paris, 1861.)

III — COLEÇÃO DE PRECES ESPÍRITAS

PREÂMBULO

1. Os Espíritos têm dito sempre: «A forma da prece nada significa, o pensamento é tudo. Cada um que ore, de conformidade com as suas convicções e da maneira que mais lhe toque o íntimo. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras, com as quais nada tenha de comum o coração.»

Nenhuma fórmula absoluta de prece nos prescrevem eles. Quando nos dão alguma, é com o objetivo de fixar idéias e, principalmente, com o de chamar a atenção para certos princípios da Doutrina Espírita. É também com o intuito de vir em auxílio daqueles que se sentem embaraçados para exprimir suas idéias, pois muitos há que não acreditam ter orado realmente, desde que não formularam seus pensamentos.

A coleção de preces que este capítulo encerra é o resultado de uma escolha feita entre as que os Espíritos ditaram em diversas ocasiões. Poderiam ter ditado outras, concebidas em termos apropriados a certas idéias

ou a casos especiais, mas a forma pouco importa, uma vez que o pensamento fundamental seja o mesmo. A prece tem por fim elevar nossa alma a Deus. A diversidade das fórmulas não deve constituir fundamento para estabelecer uma diferenciação entre os que nela crêem e ainda menos entre os adeptos do Espiritismo, porquanto Deus aceita todas as preces, quando sinceras.

Não se considere, pois, esta coleção um formulário absoluto e, sim, espécimes vários de preces, tirados das instruções que os Espíritos dão. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica, um complemento do que eles ditaram sobre os deveres para com Deus e para com o próximo, complemento em que se recordam todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo tem por boas as preces de todos os cultos, desde que sejam proferidas com o coração e não com os lábios somente. Não impõe nenhuma e a nenhuma condena. Deus, segundo o Espiritismo, é muito grande para repelir a voz daquele que lhe implora ou que lhe entoia hosanas, pela só razão de o fazer deste ou daquele modo. *Quem quer que lance anátema sobre as preces que não estejam no seu formulário, prova que desconhece a grandeza de Deus.* Acreditar que Deus prefira determinada fórmula é atribuir-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade.

É condição essencial da prece, segundo São Paulo, ser inteligível, a fim de que possa falar ao nosso Espírito. Para isso não basta seja pronunciada numa língua familiar àquele que ora. Há preces formuladas em língua vulgar que não falam ao pensamento mais do que se o fossem numa língua estrangeira e que, por isso mesmo,

não vão ao coração. As raras idéias que encerram se encontram quase sempre abafadas pela superabundância das palavras e pelo misticismo da linguagem.

A qualidade principal da prece está em ser clara, simples e concisa, sem fraseologia inútil, nem luxo de epítetos, que não passam de enfeites de lentejoulas. Cada palavra deve ter determinado alcance, despertar uma idéia, fazer vibrar uma fibra. Em suma: *Deve levar-nos a refletir*. Só debaixo dessa condição a prece atingirá sua meta. Fora daí, não será *mais do que ruído*. No entanto, observai o ar de distração e de volubilidade com que são ditas a maior parte das vezes. Vê-se que os lábios se movem, mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, se verifica que aquilo não passa de um ato maquinal, puramente exterior, conservando-se a alma indiferente.

As preces aqui colecionadas se dividem em cinco categorias: A — preces gerais; B — preces por si mesmo; C — preces pelos encarnados; D — preces pelos desencarnados; E — preces pelos doentes e pelos obsidiados.

Com o fim de mais particularmente chamar a atenção para o objeto de cada prece e de mais compreensível lhe tornar o alcance, a todas precede uma instrução preliminar, uma exposição de motivos, sob o título de *prefácio*.

A — PRECES GERAIS

Oração dominical

2. **PREFÁCIO.** *Os Espíritos recomendaram que a Oração dominical fosse posta à frente desta coleção, não só a título de prece, mas também valendo por símbolo. Essa é, de todas as preces, a que eles colocaram em primeiro lugar, já porque provém do próprio Jesus (Mateus, cap. VI, vv. 9 a 13), já por ser de molde a substituir as outras, conforme o pensamento com que a profiram. É o mais perfeito modelo de concisão, verdadeira obra-prima de sublimidade em sua singeleza. Com efeito, debaixo da mais restrita forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo, encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão, o pedido das coisas necessárias à vida, e o princípio da caridade. Dizê-la na intenção de alguém, é pedir para este o que pediria quem a proferisse para si próprio.*

Entretanto, mesmo em consequência da sua brevidade, à maioria das pessoas escapa o sentido profundo de algumas das palavras que a compõem. Daí vem que muitos a dizem, geralmente, sem deter o pensamento nas aplicações de cada uma de suas partes.

Dizem-na como se se tratasse de uma fórmula, cuja eficácia está na proporção do número de vezes que se repete. E este é quase sempre um dos números cabalísticos, três, sete e nove, buscados na antiga crença supersticiosa da virtude dos números, de uso nas operações da magia.

Para suprir o que de vago a concisão desta prece deixa no pensamento, juntou-se-lhe, a conselho e com a assistência dos bons Espíritos, a cada proposição um comentário, que lhe desenvolve o sentido, mostrando suas aplicações. Conforme as circunstâncias e o tempo de que disponha, qualquer pessoa poderá recitar a Oração dominical na sua forma simples ou com o desenvolvimento, que aqui se lhe dá.

3. PRECE. — I. *Pai nosso que estais nos céus, santificado seja o vosso nome.*

Cremos em vós, Senhor, porque tudo revela o vosso poder e a vossa bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de sabedoria, prudência e providência que ultrapassam todas as faculdades humanas. O nome de um ser soberanamente grande e sábio se acha inscrito em todas as obras da Criação, desde a folhinha do arbusto até o mais pequenino inseto, até os astros que se movem no Espaço. Por toda parte vemos a prova de uma solicitude paternal. Cego é, pois, aquele que não vos glorifica em vossas obras, e ingrato aquele que não vos rende ações de graças.

II. *Venha a nós o vosso reino.*

Senhor, destes aos homens leis cheias de sabedoria, que os fariam felizes se eles as observassem. Obedecendo

a essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça, auxiliar-se-iam mutuamente, em vez de se hostilizarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de o esmagar. Todos evitariam os males que se originam dos abusos e dos excessos de toda ordem. Todas as misérias deste mundo provêm da violação das vossas leis, porquanto nenhuma dessas violações deixa de ter conseqüências fatais.

Destes ao bruto o instinto que lhe traça os limites do necessário e ele maquinalmente se conforma. Ao homem, porém, além desse instinto, destes a liberdade de observar ou infringir aquelas de vossas leis que pessoalmente lhe dizem respeito, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que lhe pertençam o mérito e a responsabilidade de suas ações.

Ninguém poderá pretextar a ignorância das vossas leis, pois que, com a vossa paternal providência, quisestes que na consciência de cada um, sem distinção de culto, nem de nações, ficassem elas gravadas. Desconhecem-vos aqueles que as violam.

Dia virá, entretanto, conforme prometestes, em que todos as praticarão. Então, a incredulidade terá desaparecido. Todos vos reconhecerão soberano Senhor de todas as coisas e o reinado das vossas leis estará implantado na Terra.

Dignai-vos, Senhor, apressar-lhe o advento, dando aos homens a luz que os guie no caminho da verdade.

III. *Faça-se a vossa vontade, assim na Terra como no Céu.*

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o superior, quão maior não deverá ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer-vos a vontade, Senhor, é obedecer às vossas leis, é submeter-se, sem murmurar, aos vossos decretos divinos. O homem se lhes submeterá quando compreender que sois a fonte de toda a sabedoria e que sem vós ele nada pode. Fará então a vossa vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. *Dai-nos o pão de cada dia.*

Dai-nos o alimento que mantenha as forças do nosso corpo. Dai-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra nas pastagens com que se alimentar. O homem, porém, tem que adquirir, com sua atividade e com os recursos da sua inteligência, o alimento necessário, por isso que o criastes livre.

Assim é que lhe dissestes: «Tirarás da terra o teu alimento, com o suor do teu rosto.» Por essa forma lhe fizestes do trabalho uma obrigação, a fim de que ele exercitasse a inteligência, procurando meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns por meio do trabalho material, outros pelo trabalho intelectual. Sem ter que trabalhar, permaneceria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Auxiliais o de boa-vontade que em vós confia para obter aquilo de que necessita, mas não auxiliais aquele que se compraz na ociosidade, desejando tudo alcançar sem trabalho, como também não auxiliis o que busca o supérfluo.

Quantos sucumbem por sua própria culpa, por efeito da incúria, da imprevidência, da ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhe havíeis dado! Esses são os obreiros do seu próprio infortúnio e não têm o direito de se queixar, porquanto se vêem punidos naquilo mesmo que lhes foi causa de pecar. Mas, nem sequer a esses abandonais, porque sois infinitamente misericordioso. Mão protetora lhes estendeis desde que, qual o filho pródigo, se voltem para vós sinceramente.

Antes de nos queixarmos da nossa sorte, inquiramos de nós mesmos se ela é obra nossa. Toda vez que uma infelicidade nos suceda, perguntemo-nos se não esteve em nossas mãos o evitá-la. E reconheçamos também que Deus nos dotou de inteligência para que possamos sair do lodaçal e que de nós depende o bom uso dessa Inteligência.

Pois que à lei do trabalho está sujeito o homem na Terra, dai-nos coragem e força para preenchermos essa condição. Dai-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de que não percamos o fruto dessa condição.

Dai-nos, portanto, Senhor, o pão de cada dia, dando-nos os meios de adquirir, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, visto que a ninguém assiste o direito de reclamar o supérfluo.

Se o trabalho nos é impossível, confiamos na vossa divina providência.

Se estiver nos vossos desígnios pôr-nos à prova por meio das mais duras provações, não obstante os nossos esforços, aceitamo-las em justa expiação das faltas que possamos ter cometido nesta ou em vida precedente, pois que sois justo.

Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais somos castigados sem causa.

Preservai-nos, ó Deus, de invejar os que possuam o que não temos, ou sequer os que têm o supérfluo, quando nos falta o necessário. Perdoai-lhes o esquecerem-se da lei, que lhes ensinastes, de caridade e de amor ao próximo.

Afastai igualmente do nosso Espírito a idéia de negar a vossa justiça, vendo a prosperidade do mau e a desgraça abater-se por vezes sobre o homem de bem. Sabemos agora, graças às novas luzes que vos aprouve dar-nos, que a vossa justiça se exerce sempre, e que a ela ninguém se esquiva; que a prosperidade material do mau é efêmera qual a sua existência corporal, e que terrível lhe será o reverso dessa medalha, ao passo que eterna será a alegria daquele que sofre resignado.

V. Perdoai as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. — Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos hajam ofendido.

Toda vez que infringimos as vossas leis, Senhor, uma ofensa vos fazemos, contraímos uma dívida que cedo ou tarde teremos de saldar. À vossa infinita misericórdia rogamos que no-la perdoe, sob a promessa de empregarmos esforços por não contrair novas dívidas.

Da caridade fizestes para nós uma lei expressa, mas a caridade não consiste apenas em socorrer nossos semelhantes nas suas necessidades; consiste também no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito

reclamaríamos a vossa indulgência, se não soubéssemos ser indulgentes com aqueles de quem temos queixas?

Dai-nos, ó Deus, força para abafar em nossa alma todo ressentimento, todo ódio, todo rancor. *Fazei que a morte não nos surpreenda com um desejo de vingança no coração.* Se for de vosso agrado retirar-nos hoje mesmo deste mundo, fazei que possamos apresentar-nos, diante de vós, puros de qualquer animosidade, a exemplo do Cristo, cujas últimas palavras foram em favor de seus algozes.

As perseguições, que nos movem os maus, fazem parte das nossas provas terrestres; temos que aceitá-las sem murmuração, e assim todas as outras provas, e sem maldizer esse caminho da felicidade eterna, pois que dissestes pela boca de Jesus: «Bem-aventurados os que sofrem por amor da justiça!» Abençoamos, conseqüentemente, a mão que nos fere e humilha, visto que as feridas que ela abre em nossos corpos nos fortalecem a alma, e nossa humildade nos elevará.

Bendito seja o vosso nome, Senhor, por nos haverdes ensinado que a nossa sorte não estará irrevogavelmente sentenciada após a morte; que em outras existências se nos depararão meios de resgatar e reparar as faltas passadas, de realizar, em nova vida, em prol do nosso adiantamento, o que nesta não pudemos fazer.

Desse modo se explicam todas as aparentes anomalias da vida, e, na luz que aclara o nosso passado e o nosso futuro, vemos o sinal brilhante da vossa soberana justiça e da vossa bondade infinita.

VI. *Não nos deixeis entregues à tentação, mas livrai-nos do mal.* ⁽¹⁾

Dai-nos, Senhor, força para resistir às sugestões dos maus Espíritos, que tentam desviar-nos do caminho do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Nós mesmos somos Espíritos imperfeitos, que encarnamos na Terra para expiar erros passados e nos melhorarmos. Em nós está a causa primária do mal e os maus Espíritos não fazem mais do que aproveitar nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentar.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, que, entretanto, se mostram impotentes para qualquer tentativa contra os seres perfeitos. Inúteis serão todos os esforços que empregarmos para os afastar, se não lhes opusermos vontade inabalável de permanecer no bem e de renunciar absolutamente à prática do mal. É, pois, contra nós mesmos que devemos dirigir os nossos esforços e, se assim o fizermos, os maus Espíritos se afastarão naturalmente, porquanto, ao passo que o mal os atrai, o bem os repele. (Vede pouco adiante: *Preces pelos obsidiados.*)

Senhor, amparai-nos em nossas fraquezas, inspirai-nos, por intermédio dos anjos de guarda e dos bons

⁽¹⁾ Algumas traduções dizem: **Não nos induzas à tentação (et ne nos inducas in tentationem)**. Esta expressão faria supor que a tentação vem de Deus, que Ele, por vontade, impele os homens para o mal. Semelhante idéia, sendo blasfema, pois que igualaria Deus a Satã, não pode ser a que Jesus externou. Ela, porém, está de acordo com a doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Ver: **O Céu e o Inferno**, citado, 1ª Parte, cap. IX, “Os demônios”.)

Espíritos, o desejo de nos corrigirmos das nossas imperfeições, a fim de tolhermos aos Espíritos impuros o acesso à nossa alma. (Vede adiante o nº 11.)

O mal não faz parte da vossa obra, Senhor, porquanto da fonte de todo o bem nada de mau pode emanar. Somos nós mesmos que o criamos, infringindo as vossas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos concedestes. Quando todos os homens observarem as vossas leis, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal, e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Assim como podemos sentir o desejo de fazer mal, podemos sentir o de fazer bem. Eis por que, ó Deus, pedimos a vossa assistência, e a dos bons Espíritos, para resistirmos à tentação.

VII. *Assim seja.*

Permiti, Senhor, que os nossos desejos se realizem! Inclinao-nos, porém, diante da vossa sabedoria infinita. Em tudo que não nos é dado compreender, cumpra-se a vossa vontade e não a nossa, pois que só quereis o nosso bem e melhor do que nós sabeis o que nos é útil.

Dirigimo-vos esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas ou desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitam a nossa assistência e em particular por N...

Para todos imploramos a vossa misericórdia e a vossa bênção.

Nota — Neste ponto se podem formular todos os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseje pedir para si mesmo ou para outrem. (Ver adiante as preces n.ºs 26 e 27.)

Reuniões espíritas

4. «Onde quer que duas ou três pessoas se achem reunidas em meu nome, eu com elas estarei.» (*Mateus*, cap. XVIII, v. 20.)

5. *PREFÁCIO. Estarem diversas pessoas reunidas em nome de Jesus, não quer dizer que baste se achem reunidas materialmente, e sim espiritualmente, pela comunhão de intenção e de pensamentos, para a prática do bem. Nessas condições, Jesus estará presente à reunião, ou representado nela por Espíritos puros. O Espiritismo explica como podem os Espíritos estar conosco. Eles baixam ao nosso meio com seus corpos fluídicos ou espirituais, sob a aparência mediante a qual os reconheceríamos se se tornassem visíveis. Quanto mais alto é o lugar que ocupam na hierarquia, tanto maior é neles o poder de irradiação. Assim é que possuem o dom da ubiqüidade, que lhes faculta acharem-se em muitos lugares ao mesmo tempo. Basta, para lhes assinalar a presença, uma irradiação de seus pensamentos.*

Pelas palavras transcritas, quis Jesus mostrar o efeito da união e da fraternidade. O maior ou menor número das pessoas reunidas não é o que atrai. Em vez de dizer duas ou três pessoas, ele pudera ter dito vinte ou trinta. O que o

atrai é o sentimento da caridade que experimentem umas para com as outras. Ora, sendo assim, basta que elas sejam duas. Mas se cada uma dessas duas faz a sua prece particular, embora ambas se dirijam a Jesus, não haverá entre elas comunhão de pensamentos, principalmente se um sentimento de mútua benevolência não as animar. Ainda mais: se se não virem com bons olhos, se se olharem com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos se repelirão, em vez de se unirem por um comum impulso de simpatia. Nesse caso, não estarão reunidas em nome de Jesus. Jesus nesse caso será apenas o pretexto da reunião e não o seu verdadeiro objetivo.

Não se infira daí que Ele seja surdo à voz de uma só pessoa. Se não disse: “Virei ter com aquele que me chamar”, foi por exigir, antes de tudo, o amor do próximo. Ora, desse amor mais provas pode o homem dar quando está em companhia de outros, do que quando se acha insulado. Acresce que todo sentimento pessoal o afasta. Segue-se que se numa assembléia numerosa somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto que as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoístas ou mundanos, Ele estará com as primeiras e não com as outras. Assim, pois, não é a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores o que constitui a reunião em nome de Jesus. Esta se caracteriza pela comunhão de pensamentos, conforme ao espírito de caridade que Jesus personifica.

Tal o caráter de que se devem revestir as reuniões espíritas sérias, as em que sinceramente se deseje o concurso dos bons Espíritos.

6. PRECE. (Para o começo da reunião.) — Ao Senhor Deus Todo-Poderoso pedimos que envie bons

Espíritos para nos assistirem, que afaste os que puderem induzir-nos ao erro, e que nos dê a luz de que precisamos para distinguir a verdade da impostura.

Afastai de nós também, Senhor, os Espíritos malévolos, encarnados ou desencarnados, que tentem lançar a desunião entre nós e, bem assim, desviar-nos da caridade e do amor do próximo. Se alguns procurarem introduzir-se aqui, fazei, Senhor, que não achem acesso em nossos corações.

Bons Espíritos que vos dignais vir instruir-nos, tornai-nos dóceis aos vossos conselhos, isentai-nos de qualquer pensamento de egoísmo, de orgulho, de inveja e de ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes ou ausentes, amigos ou inimigos; fazei, enfim, que, pelos sentimentos que nos animem, reconheçamos a vossa salutar influência.

Dai aos médiuns, que encarregades de nos transmitir os vossos ensinamentos, consciência da santidade do mandato que lhes é confiado e da gravidade do ato que vão desempenhar, a fim de que o pratiquem com o fervor e o recolhimento necessários.

Se entre nós se encontrarem pessoas dominadas por sentimentos que não sejam os do bem, abri-lhes os olhos à luz e perdoai-lhes, como lhes perdoamos, se porventura trazem malévolas intenções.

Pedimos especialmente ao Espírito de N..., nosso guia espiritual, que nos assista e por nós vele.

7. PRECE. (*Para o encerramento da reunião.*) — Agradecemos aos bons Espíritos que anuíram em vir comunicar-se conosco, e lhes pedimos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram e façam com

que, ao sairmos daqui, cada um de nós se sinta fortalecido na prática do bem e do amor ao próximo.

Desejamos, igualmente, que as instruções que recebemos sejam proveitosas aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que hajam assistido à nossa reunião, Espíritos esses para os quais imploramos a misericórdia de Deus.

Para os médiuns

8. Nos últimos tempos, disse o Senhor, espalharei de meu Espírito sobre *toda* carne. Vossos filhos e filhas profetizarão; vossos mancebos terão visões e os vossos anciãos, sonhos. A esse tempo, espalharei meu Espírito sobre meus servos e servas e eles profetizarão. (*Atos*, cap. II, vv. 17 e 18.)

9. PREFÁCIO. *Quis o Senhor que a luz se fizesse para todos os homens e que por toda a parte penetrasse a voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse adquirir a prova da imortalidade. É com esse objetivo que hoje os Espíritos se manifestam em todos os pontos da Terra, e que a mediunidade, revelando-se entre pessoas de todas as idades e condições, entre os homens e as mulheres, entre as crianças e os velhos, constitui um dos sinais de que são chegados os tempos preditos.*

Para que o homem conheça as coisas do mundo visível e desvende os segredos da Natureza material, Deus lhe deu a vista do corpo, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço e com o microscópio descobre o mundo dos infinitamente pequenos. Para que penetre no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes encarregados de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos. Ou melhor: são os órgãos materiais, por meio dos quais os Espíritos se exprimem de modo a serem compreendidos pelos homens. Santa é a missão que desempenham, porquanto ela tem por fim rasgar horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem acerca de seus destinos futuros, visando a reconduzi-lo ao caminho do bem, e não objetivando poupar-lhe o trabalho material, que lhe cumpre executar neste mundo, para seu adiantamento, nem lhe favorecer as ambições e a cobiça. Disto devem os médiuns compenetrar-se bem, para não fazerem mau uso da mediunidade. Aquele que compreende a gravidade do mandato de que se acha investido, esse o desempenha religiosamente. A consciência o exprobraria de haver praticado um sacrilégio, se para proporcionar a si próprio ou a outros um divertimento, uma distração, usasse da faculdade que lhe é concedida para tão sério fim, e que o põe em relação com os seres de além-túmulo.

Intérpretes dos ensinamentos dos Espíritos, os médiuns têm que desempenhar importante papel na transformação moral que se está operando. Os serviços que podem prestar dependem da boa direção que derem àquela faculdade, pois os que se encontram em mau caminho são mais nocivos do que úteis ao Espiritismo. Por efeito das más impressões que causam, retardam mais de uma conversão. Eis por que severas contas lhes serão pedidas do uso que houverem feito da faculdade que lhes fora outorgada para o bem de seus semelhantes.

O médium que deseje assegurar-se da proteção dos bons Espíritos deve procurar tornar-se constantemente melhor. O que pretender o engrandecimento e o desenvolvimento da sua faculdade tem de se

engrandecer moralmente, tem que se abster de tudo quanto tenda a desviá-lo do seu objetivo providencial.

Se os bons Espíritos, por vezes, se servem de instrumentos imperfeitos, é para lhes dar bons conselhos, procurando reconduzi-los ao bem. Se, porém, encontram corações empedernidos; se seus conselhos não são ouvidos, eles se retiram e o campo fica livre aos maus.

A experiência prova que, entre os que não tiram proveito dos conselhos recebidos dos bons Espíritos, as comunicações, depois de haverem durante algum tempo apresentado um certo brilho, pouco a pouco degeneram e acabam caindo no erro, na verbiagem ou no ridículo, sinal indubitável do afastamento dos bons Espíritos.

Obter a assistência destes, afastar os levianos e mentirosos, tal deve ser o objetivo dos esforços constantes de todos os médiuns sérios. Sem isso, a mediunidade será apenas uma faculdade estéril, que poderá mesmo redundar em prejuízo de quem a possua, pois que pode degenerar em perigosa obsessão.

O médium que compreenda seu dever, em vez de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtenha. Se suas comunicações merecem elogios, não se envaidece por isso, certo de que elas independem do seu mérito pessoal, e agradece a Deus o haver permitido que, por ele, os bons Espíritos se manifestassem. Se dão lugar à crítica, não se ofende com isso, visto não serem obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, reconhece não ter sido um bom instrumento e não possuir todas as qualidades necessárias a impedir o intrometimento dos maus Espíritos. Fazendo a si mesmo essa confissão, tratará de adquirir aquelas qualidades, e pede, por meio da prece, a força de que carece.

10. PRECE. Deus Onipotente, permiti que os bons Espíritos me assistam na comunicação que solicito. Preservai-me da presunção de me acreditar resguardado dos maus Espíritos, do orgulho que poderia induzir-me em erro acerca do valor do que obtenho, de todo sentimento contrário à caridade para com os outros médiuns.

Se for levado ao erro, inspirai a alguém o pensamento de me advertir, e dai-me humildade para receber, cheio de reconhecimento, a crítica que me façam, para tomar por dados a mim mesmo, e não aos outros, os conselhos que os bons Espíritos hajam por bem ditar-me.

Se me vir tentado a abusar, seja no que for, ou a me envaidecer da faculdade que vos aprouve conceder-me, eu vos peço que ma retireis, antes que consintais se afaste ela do seu fim providencial, que é o bem de todos e o meu próprio adiantamento moral.

B — PRECES POR SI MESMO

Aos anjos de guarda e aos
Espíritos protetores

11. PREFÁCIO. *Todos temos um bom Espírito que se nos dedica, desde que nascemos, e que nos tomou sob a sua proteção, preenchendo junto de nós a missão que um pai desempenha junto de seu filho — a de nos guiar pelo caminho do bem e do progresso, através das provas da vida. Ele se sente feliz, quando lhe correspondemos à solicitude, e aflige-se, quando sucumbimos.*

Nada nos adianta saber qual o seu nome, pois bem pode acontecer que não tenha nome conhecido na Terra. Invoquemo-lo, então, como sendo o nosso anjo de guarda, nosso bom guia. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior que nos inspire mais particular simpatia.

Além do nosso anjo de guarda, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e caridosos. São Espíritos de parentes ou amigos e, algumas vezes, de pessoas que não conhecemos na existência atual. Dão-nos conselhos e com freqüência intervêm nos atos da nossa vida.

Temos, ainda, Espíritos simpáticos, que se ligam a nós por certa semelhança de gostos e de pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações pelas quais os atraímos.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos desviar do caminho do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas que lhes dão acesso à nossa alma. Alguns há que se aferram a nós como a uma presa, mas que se afastam logo que se reconhecem impotentes para lutar contra a nossa vontade.

Deus nos deu um guia principal e superior — o nosso anjo de guarda —; e guias secundários — Espíritos protetores e familiares. Erro fora, porém, acreditarmos que temos forçosamente, junto de nós, um mau gênio para contrabalançar as boas influências que experimentamos.

Os maus Espíritos se aproximam de nós voluntariamente, desde que verifiquem poder aproveitar-se da nossa fraqueza ou da nossa negligência em seguir as inspirações dos bons Espíritos.

Somos nós, portanto, que os atraímos. Daí resulta que nunca estamos privados da assistência dos bons Espíritos, e que de nós depende o afastamento dos maus. Sendo o homem, pelas suas imperfeições, a causa primária de suas misérias, também é ele próprio, muitas vezes, o seu mau gênio.

A prece aos anjos de guarda e aos Espíritos protetores deve ter por fim solicitar-lhes que intercedam por nós, pedir-lhes forças para resistirmos às más sugestões e que nos assistam nas contingências da vida.

12. PRECE. Espíritos sábios e benfazejos, mensageiros de Deus, que tendes por missão amparar os homens e guiá-los pelo bom caminho, sustentai-me nas

provações desta vida; dai-me a força de sofrer sem murmurar; livrai-me de maus Espíritos, que tentem induzir-me ao mal. Esclarecei-me a consciência sobre as minhas faltas e tirai dos meus olhos a venda do orgulho, que me poderia impedir de as perceber e confessar a mim mesmo.

Especialmente vós, N..., meu anjo de guarda, que muito em particular velais por mim, e todos vós, Espíritos protetores que por mim vos interessais, fazei que me torne digno da vossa proteção. Conheceis as minhas necessidades: que elas sejam satisfeitas como for da vontade de Deus.

13. (*Outra*) — Meu Deus, permiti que os bons Espíritos que me cercam venham a mim, quando eu me achar em aflição, e me amparem, se eu tropeçar. Fazei, Senhor, que me incutam fé, esperança e caridade; que me sejam um sustentáculo e uma prova da vossa misericórdia. Fazei, enfim, que junto deles encontre eu a força que me falta nas provações da vida e, para resistir às sugestões do mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. (*Outra*) — Espíritos bem-amados, anjos de guarda a quem Deus, em sua infinita misericórdia, permite velar pelos homens, sede nossos protetores nas provações da vida terrena. Dai-nos forças, coragem e resignação; inspirai-nos tudo que é bom, detende-nos no declive do mal. Que a vossa suave influência penetre a nossa alma. Fazei sintamos que um amigo dedicado está perto de nós, vendo os nossos sofrimentos e partilhando das nossas alegrias.

E vós, meu bom anjo, não me abandoneis. Preciso da vossa proteção para suportar, com fé e amor, as provas que Deus me queira mandar.

Para afastar os maus Espíritos

15. Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que limpais por fora o copo e o prato, conservando-vos por dentro cheios de rapinas e de impurezas. Fariseus cegos, limpai primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que pelo interior também fiquem limpos.

Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas, que vos assemelhais a sepulcros caiados, mas cheios, por dentro, de toda sorte de podridões, — Assim por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de indigidade. (*Mateus*, capítulo XXIII, vv. 25 a 28.)

16. *PREFÁCIO. Os maus Espíritos vão aonde acham meios de satisfazer a sua perversidade. Para os afastarmos não basta lhes peçamos, nem mesmo lhes ordenemos se retirem. É mister nos expurguemos daquilo que os atrai. Os maus Espíritos farejam as chagas da alma qual o fazem as moscas às do corpo. Assim como se limpa o corpo para evitar a bicheira, também se deve limpar a alma de suas impurezas para evitar os maus Espíritos. Como vivemos num mundo onde estes pululam, nem sempre as boas qualidades do coração nos põem ao abrigo das suas tentativas, mas nos dão força para lhes resistir.*

17. *PRECE.* Que, em nome de Deus Onipotente, se afastem de mim os maus Espíritos, e que os bons me sirvam de escudo contra eles!

Espíritos malfazejos, que aos homens inspirais maus pensamentos; Espíritos embusteiros e mentirosos, que os enganais; Espíritos zombeteiros que mofais da credulidade deles, eu vos repilo com todas as forças de

minha alma e fecho os ouvidos às vossas sugestões, mas suplico para vós a misericórdia de Deus.

Bons Espíritos que vos dignais de me assistir, dai-me forças para resistir à influência dos maus Espíritos e as luzes necessárias para não ser vítima de seus embustes. Preservai-me do orgulho e da presunção; isentai o meu coração do ciúme, do ódio, da malevolência e de qualquer sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

Para pedir a corrigenda
de um defeito

18. PREFÁCIO. *Os nossos maus sentimentos resultam da imperfeição do nosso Espírito e não da nossa organização; pois, se assim não fora, o homem fugiria a toda espécie de responsabilidades. Só de nós depende o próprio melhoramento, pois todo homem que goza de suas faculdades tem em tudo liberdade de fazer e deixar de fazer o que lhe apraz. Para fazer o bem, basta apenas que o queira.*

19. PRECE. Vós me destes, oh! meu Deus, a inteligência nítida para distinguir o que é bom do que é mau; desde que eu reconheça que em qualquer coisa há mal, sou culpado por não evitá-la.

Preservai-me do orgulho, que me poderia impedir de lobrigar os meus defeitos, e bem assim dos maus Espíritos, que me poderiam excitar a perseverar nesse caminho.

Entre as minhas imperfeições, reconheço ser particularmente inclinado a ... e, se não resisto a esses arrastamentos, é pelo hábito que já adquiri e ao qual me escravizei.

Justo como sois, não me criastes culpado, mas me destes igual aptidão para o bem e para o mal; se segui o mau caminho, foi por efeito do meu livre-arbítrio. Mas, pela mesma razão por que possuo liberdade de fazer o mal, possuo a de fazer o bem, e, por conseguinte, tenho a de mudar de caminho.

Os meus defeitos atuais são restos das imperfeições conservadas das precedentes existências. Representam o meu pecado original, de que me poderei libertar pela vontade, com a assistência dos bons Espíritos.

Espíritos benévolos, que me protegeis, principalmente vós, meu anjo de guarda, dai-me energia para resistir às más sugestões e sair vitorioso da luta.

Os defeitos constituem as barreiras que nos afastam de Deus, e cada defeito corrigido é um passo alcançado no caminho do progresso, que dEle nos deve aproximar.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, dignou-se de me conceder a existência atual para o meu adiantamento. Ajudai-me a torná-la proveitosa, bons Espíritos, para que não fique perdida para mim, e para que, quando aprouver a Deus ma tirar, eu saia dela melhor do que quando entrei.

Para pedir forças a fim de
resistir a uma tentação

20. PREFÁCIO. *Os maus pensamentos podem originar-se de duas fontes: da própria imperfeição da alma, ou de uma funesta influência que sobre ela atue. No segundo caso, é sempre indício de fraqueza que nos predispõe a receber essa influência e, por conseguinte,*

prova de imperfeição da alma. Assim, pois, aquele que falar não poderá alegar, por desculpa, a influência de um Espírito estranho, porquanto esse Espírito não o instigaria ao mal se o julgasse insensível à sedução.

Quando um mau pensamento se nos desperta, podemos supor que um Espírito malévolo nos convida ao mal; mas, somos livres quanto a ceder ou resistir, como se se tratasse das solicitações de uma pessoa viva. Devemos igualmente supor presente o nosso anjo de guarda, ou Espírito protetor, que, por sua vez, combate em nós a má influência e com ansiedade espera a decisão que vamos tomar. A nossa hesitação em fazer o mal é resultante da influência do bom Espírito, cuja voz se faz ouvir pela nossa consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau, quando se afasta da caridade — base da verdadeira moral; quando tem por objeto o orgulho, a vaidade ou o egoísmo; quando, enfim, nos instiga a fazer a outrem o que não desejaríamos que se nos fizesse.

21. PRECE. Deus Todo-Poderoso, não me deixeis sucumbir na tentação em que me vejo, de cair em falta; Espíritos benévolos que me protegeis, desviái de mim este mau pensamento e dai-me forças para resistir à sugestão do mal. Se sucumbir, merecerei a expiação da minha falta nesta vida e na outra, porque tenho a liberdade de escolher.

Em ação de graças por uma vitória
obtida contra uma tentação

22. PREFÁCIO. *Aquele que resistiu a qualquer tentação, deve-o, em parte, à assistência dos bons*

Espíritos, cuja voz escutou, e por isso deve agradecer a Deus e ao seu anjo de guarda.

23. PRECE. Meu Deus, eu vos agradeço o me haverdes permitido sair vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal. Permiti que esta vitória me dê coragem para resistir a novas tentações.

E a vós, meu anjo de guarda, agradeço a assistência que me prestastes. Possa eu, pela minha submissão aos vossos conselhos, merecer-vos proteção constantemente.

Para pedir conselhos

24. PREFÁCIO. *Quando estamos indecisos em fazer ou deixar de fazer qualquer coisa, devemos, antes de tudo, dirigir-nos as seguintes perguntas:*

1.^a — *Aquilo que hesito em fazer pode prejudicar a alguém?*

2.^a — *Pode ser útil a alguém?*

3.^a — *Se alguém fizesse isso a mim, ficaria eu satisfeito?*

Se o que queremos fazer só a nós interessa, é nosso dever contrabalançar as vantagens com os inconvenientes pessoais que daí possam resultar.

Se interessar a outrem, mas acontecer que, pelo bem feito a um, possa outro ser prejudicado, é preciso igualmente somar o bem e o mal, para agirmos ou nos abstermos de o fazer.

Enfim, mesmo no tocante às menores coisas, urge também considerar a oportunidade e as circunstâncias acessórias, porque uma coisa boa, em si mesma, pode ter maus resultados em mãos inábeis, se não for feita com prudência e circunspecção.

Antes de empreendê-la, convém consultemos as nossas forças e os meios de execução de que dispomos. Em todos os casos, pode reclamar-se a assistência dos Espíritos protetores, lembrando esta prudente máxima: na dúvida, abstém-te.

25. PRECE. Em nome de Deus Todo-Poderoso, bons Espíritos que me protegeis, inspirai-me a melhor resolução a tomar na incerteza em que permaneço. Guiai meu pensamento para o bem e libertai-me da influência daqueles que tentarem desencaminhar-me.

Nas aflições da vida

26. PREFÁCIO. *Podemos pedir a Deus favores terrestres e Ele no-los poderá conceder, quando tais favores tenham fim útil e sério. Mas, como julgamos a utilidade das coisas através do nosso ponto de vista interesseiro, e porque a nossa vista está limitada ao presente, nem sempre vemos o lado mau daquilo que desejamos. Deus, que vê melhor, e vê o nosso bem, poderá recusar o que pedimos, qual um pai recusa ao filho o que lhe possa ser prejudicial. Se o que pedirmos não nos for concedido, nem por isso devemos desanimar. É preciso, ao contrário, supor que a privação daquilo que almejamos nos é imposta como prova ou expiação, e que a nossa recompensa será proporcionada à resignação com que a houvermos suportado.*

27. PRECE. Deus Todo-Poderoso, que vedes as nossas misérias, dignai-vos de ouvir favoravelmente os votos que vos dirijo neste momento. Se o meu pedido for considerado, perdoai-me; se aos vossos olhos for justo

e útil, consenti que os Espíritos mensageiros da vossa vontade venham em meu auxílio para a sua realização.

Qualquer que seja o resultado, meu Deus, cumpra-se a vossa vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, por estar em vossos desígnios experimentar-me, submeter-me-ei sem murmurar. Permiti que não se apodere de mim o desânimo, nem sejam abaladas a minha fé e a minha resignação.

(Formular o pedido.)

Em ação de graças por um
favor obtido

28. **PREFÁCIO.** *Não devemos considerar acontecimentos felizes só os fatos de grande importância: os menores em aparência são muitas vezes mais influentes em nosso destino. O homem esquece facilmente o bem e lembra mais aquilo que o aflige. Se registrássemos diariamente os benefícios que recebemos sem os ter pedido, ficaríamos muitas vezes admirados de haver recebido tanto, e humilhados pela nossa ingratidão.*

Todas as noites, quando elevarmos a alma a Deus, devemos procurar recordar os favores que nos foram concedidos durante o dia e agradecer-lhes. É principalmente no momento em que experimentamos o efeito da sua bondade e proteção que, por um movimento espontâneo, devemos testemunhar a nossa gratidão. Para isso basta que, em pensamento, lhe reportemos o benefício, sem que seja preciso desviar-nos do nosso trabalho.

Os benefícios de Deus não consistem somente nas coisas materiais; devemos agradecer-lhe as boas idéias e inspirações felizes que nos são sugeridas. Ao passo que o

homem orgulhoso as atribui a si e o incrédulo ao acaso, o que tem fé rende graças a Deus e aos bons Espíritos. Para isso são inúteis as longas frases. Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me inspirastes, diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo que nos leva a atribuir a Deus o que de bom nos acontecer, testemunhará um hábito de reconhecimento e de humildade que nos granjeará a simpatia dos bons Espíritos.

29. PRECE. Deus infinitamente bom, seja bendito o vosso nome pelos benefícios que me concedestes. Indigno seria eu se os atribuisse ao acaso ou ao meu próprio mérito.

Bons Espíritos, que sois os executores da vontade de Deus, e vós, em especial, meu anjo de guarda, aceitai o meu reconhecimento. Afastai de mim o orgulho pelo benefício recebido, e que jamais eu possa fazer mau uso dele.

Ato de submissão e resignação

30. PREFÁCIO. *Se procurarmos a causa de uma aflição que nos sobrevenha, achá-la-emos muitas vezes na nossa imprudência, em nossa imprevidência, ou em atos anteriores. Nesse caso, só de nós devemos queixar-nos. Se a causa de uma desgraça é independente de qualquer co-participação nossa, representa, então, ou uma prova para esta vida, ou uma expiação de passada existência e, em tal caso, a natureza da expiação pode fazer-nos conhecer a natureza da falta, por sermos sempre punidos naquilo em que pecamos.*

No que nos aflige, em geral só descobrimos o mal presente e não as conseqüências favoráveis que isso possa ter.

O bem é muitas vezes a consequência de um mal passageiro, como a cura de um doente é o resultado dos meios dolorosos empregados para obtê-la. Em todos os casos, devemos submeter-nos à vontade de Deus e suportar corajosamente as tribulações da vida, se quisermos que nos sejam levadas em conta, adotando a sentença do Cristo: Bem-aventurados os que sofrem.

31. PRECE. Meu Deus, vós sois soberanamente justo. Todo sofrimento neste mundo tem, pois, causa e utilidade. Submissamente, aceito a aflição que acabo de sofrer, em expiação das minhas faltas passadas e como prova para o futuro.

Bons Espíritos que me protegeis, dai-me alento para suportá-la sem murmurar, aproveitando-a como conselho salutar, que me aumente a experiência e em mim combata o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, contribuindo destarte para o meu adiantamento.

32. (*Outra*) — Sinto, meu Deus, necessidade de orar para ter forças diante das provações que vos aprouve enviar-me. Permiti que a luz se faça intensamente em meu Espírito, para que eu aprecie toda a extensão desse amor que me aflige por querer salvar-me. Com resignação, meu Deus, curvo-me a tudo, posto que, sendo fraca criatura, temo sucumbir se me não amparardes. Não me abandoneis, Senhor, porque sem o vosso auxílio nada poderei.

33. (*Outra*) — Levantei os olhos para vós, oh! Pai Eterno, e me senti fortificado. Sois a minha força, não me abandoneis, meu Deus! Esmaga-me o peso das

minhas iniquidades! Ajudai-me. Conhecendo a fraqueza da minha carne, não afasteis de mim o vosso olhar! Pois que sou devorado por uma sede ardente, fazei jorrar a fonte de água viva e ficarei desalterado. Nunca a minha boca se abra para murmurar das aflições da vida, mas para cantar louvores. Sou fraco, Bom Pai, mas o vosso amor me sustentará.

Oh! Eterno! vós sois grande, só vós sois o fim e o alvo da minha vida! Bendito seja o vosso nome, se me ferirdes, porquanto sois o Senhor e eu servo infiel. Curvarei a fronte sem me queixar, pois só vós sois grande, só vós sois o alvo.

Em perigo iminente

34. *PREFÁCIO. Pelos perigos que corremos, Deus nos adverte da fraqueza e fragilidade da nossa existência. Mostra-nos que em suas mãos está a nossa vida, presa a um fio, que pode romper-se quando menos o esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, porque o grande e o pequeno estão sujeitos às mesmas contingências.*

Se examinarmos a natureza e as conseqüências do perigo, observaremos que a maior parte das vezes, se essas conseqüências seguissem o seu curso, teriam sido a punição de uma falta cometida ou de um dever não cumprido.

35. *PRECE. Deus Todo-Poderoso, e vós, meu anjo de guarda, socorrei-me! Se devo sucumbir, seja feita a vontade de Deus; se me salvar, consenti que no resto da minha vida repare o mal que pratiquei e do qual me arrependo.*

Em ação de graças quando se
escapa a um perigo

36. PREFÁCIO. *Pelos perigos que corremos, mostra-nos Deus que, de um momento para outro, podemos ser chamados a prestar contas do emprego que fizemos da vida, implicitamente nos advertindo, assim, para refletirmos e nos emendarmos.*

37. PRECE. Deus, e vós, meu anjo de guarda, aceitai o meu reconhecimento pelo socorro que me enviastes no perigo de que estive ameaçado. Seja-me esse perigo um aviso, que me esclareça quanto às faltas que para ele me atraíram. Compreendo, Senhor, que em vossas mãos está a minha vida e que ma podeis retirar quando vos aprouver. Inspirai-me, pelos bons Espíritos que me assistem, o propósito de empregar com utilidade o tempo que me concedeis ainda neste mundo.

Meu anjo de guarda, sustentai-me na resolução que tomo, de reparar minhas faltas e de fazer todo o bem ao meu alcance, a fim de chegar ao mundo espiritual liberto das minhas imperfeições, quando aprouver a Deus para lá me chamar.

Nome do momento de repouso

38. PREFÁCIO. *O sono é o repouso do corpo e não do Espírito — que de repouso não tem necessidade. Enquanto os sentidos estão entorpecidos, a alma se desprende, em parte, da matéria e goza das suas faculdades. O sono foi dado ao homem para reparação, tanto das forças orgânicas quanto das morais. Enquanto o corpo recupera os elementos perdidos na atividade da*

véspera, o Espírito vai retemperar-se entre os outros e haure, no que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, idéias das quais, ao despertar, tem intuição. É a volta do exilado posto em liberdade temporária.

Mas, qual ao prisioneiro perverso acontece, o Espírito nem sempre se aproveita desse momento de liberdade para o seu adiantamento, quando possui maus instintos, e então, em vez de procurar a dos bons, busca a companhia de seus iguais e vai visitar lugares onde as suas inclinações possam ter livre curso.

Aquele que esteja compenetrado desta verdade, eleve o pensamento no instante em que sentir aproximar-se o sono e faça um apelo aos conselhos dos bons Espíritos, especialmente daqueles cuja memória lhe for cara, a fim de virem ampará-lo no curto intervalo que lhe é concedido. E ao despertar se sentirá mais forte contra o mal, mais corajoso na adversidade.

39. PRECE. Minha alma vai achar-se um instante com os outros Espíritos. Venham aqueles que são bons ajudar-me com os seus conselhos. Meu anjo de guarda, permiti que, ao despertar, eu conserve desse convívio uma impressão duradoura e salutar.

Previendo a aproximação da morte

40. PREFÁCIO. *A fé no futuro e a elevação do pensamento durante a vida, para os destinos vindouros, auxiliam o pronto desprendimento do Espírito, enfraquecendo os laços que o retêm ao corpo, e, muitas vezes, a vida corporal não está extinta de todo e já a alma, impaciente, levantou vôo para a imensidade. No*

homem que, ao contrário, concentra todos os pensamentos nas coisas materiais, esses laços são mais fortes, a separação é penosa e dolorosa, e o despertar, no além-túmulo, cheio de perturbação e ansiedade.

41. PRECE. Meu Deus, creio em vós e na vossa bondade infinita, e por isso não posso conceber que ao encarnado tenhais dado a inteligência, que lhe faculta conhecer-vos, e a aspiração do futuro, para em seguida o mergulhardes no nada. Creio ser meu corpo invólucro perecível da alma e que, quando ele houver cessado de viver, despertarei no mundo espiritual.

Deus Todo-Poderoso, sinto quebrarem-se-me os laços que unem a alma ao corpo, e que bem cedo irei prestar-vos conta do emprego da vida que deixo. Vou receber as conseqüências do bem e do mal que fiz. Aí não haverá mais ilusão, nem subterfúgio possíveis; todo o meu passado se vai desenrolar diante de mim e serei julgado segundo as minhas obras.

Nada levarei dos bens terrenos. Honras, riquezas, satisfação da vaidade e do orgulho, tudo, enfim, que pertence ao corpo, ficará neste mundo; nem a menor parcela das coisas terrenas me seguirá, pois nada disso me serviria de socorro no mundo espiritual. Comigo só levarei os atributos da alma, isto é, as boas e as más qualidades, que serão pesadas na balança da mais rigorosa justiça, e serei julgado com tanto mais severidade quanto minha posição na Terra me haja facultado ocasiões de fazer o bem que não pratiquei.

Deus de misericórdia, oxalá o meu arrependimento chegue até vós. Dignai-vos de estender sobre mim a vossa indulgência. Se for do vosso agrado prolongar-me

a existência, consenti que o resto dela seja empregado em reparar o mal que fiz, tanto quanto estiver ao meu alcance. Se, sem apelo, é chegada a minha hora, levo o pensamento consolador de que me será permitido resgatar as faltas por novas provas, a fim de merecer algum dia a felicidade dos escolhidos.

Se me não for permitido gozar imediatamente dessa felicidade sem mescla, que é o quinhão do justo por excelência, sei que a esperança não me fica interdita para sempre e que, com o trabalho, chegarei ao termo, mais cedo ou mais tarde, consoante os meus esforços.

Sei que bons Espíritos, com o meu anjo de guarda, se acham junto de mim, para me receberem, e que dentro em pouco os verei tal qual eles me vêem. Sei que tornarei a encontrar aqueles que amei na Terra, se *houver merecido*. Sei que aqueles que deixo virão juntar-se a mim, quando estaremos todos reunidos para sempre, e que, enquanto os esperar, poderei visitá-los. Sei também que vou achar os que ofendi; queiram eles perdoar-me os males que o meu orgulho, a minha dureza e as minhas injustiças lhes causaram, e não me acabrunhem de vergonha com a sua presença!

Perdão a quantos na Terra me fizeram ou quiseram mal. Não levo ódio contra eles e peço a Deus que lhes perdoe.

Senhor, dai-me coragem para deixar sem pesar as alegrias grosseiras deste mundo, as quais não se comparam às puras alegrias do mundo onde vou entrar. Para o justo, lá não há torturas, sofrimentos, nem misérias; só o culpado sofre, mas a esse mesmo resta a esperança.

Bons Espíritos, e vós, meu anjo de guarda, não me deixeis enfraquecer neste momento supremo; fazei reverberar ante meus olhos a luz divina, a fim de me reanimar a fé, se ela vier a ser abalada.

Nota — Vede adiante (pág. 128) a letra “E”: Preces pelos doentes e pelos obsidiados.

C — PRECES PELOS ENCARNADOS

Por qualquer que se ache em aflição

42. PREFÁCIO. *Se está no interesse do aflito que a aflição siga o seu curso, ele não será aliviado, a nosso pedido. Demais, praticaríamos um ato de impiedade, mostrando desânimo por não ser ouvida a nossa prece. Todavia, se não se obtém o termo da provação, consegue-se algum outro consolo que lhe mitigue o amargor. O que é útil, realmente, àquele que sofre — é a coragem e a resignação, sem o que o sofrimento não lhe aproveitará, pois será forçado a recomençar a prova. Portanto, para esse fim todos os esforços devem convergir, quer chamando os bons Espíritos em seu auxílio, quer confortando o moral do aflito por meio de conselhos e encorajamentos, quer assistindo-o materialmente, como for possível. A prece, nesse caso, poderá produzir efeitos diretos, dirigindo sobre a pessoa uma corrente fluídica, a fortificar-lhe o moral.*

43. PRECE. Deus de infinita bondade, dignai-vos de suavizar a amargura da situação de N..., se tal puder ser da vossa vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, eu vos suplico que o assistas em suas aflições. Se para seu interesse não lhe podem elas ser poupadas, fazei-lhe compreender que são necessárias ao seu adiantamento. Dai-lhe a confiança em Deus e no futuro, que lhas tornará mais suaves. Dai-lhe também a força para não sucumbir ao desespero, que o faria perder os frutos de seus sofrimentos e tornaria a sua posição futura ainda mais penosa. Levai-lhe o meu pensamento em auxílio da sua coragem.

Ação de graças por um benefício
concedido a outrem

44. PREFÁCIO. *Quem não está dominado pelo egoísmo regozija-se com o benefício que sobrevém ao próximo, mesmo quando não o tenha solicitado pela prece.*

45. PRECE. Meu Deus, sede louvado pela felicidade que sobreveio a N... Bons Espíritos, contribuí para que ele veja nisso um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe adveio é uma prova, inspirai-lhe o pensamento de fazer dele bom uso e de não sentir vaidade, para que esse benefício não redunde em seu prejuízo futuro.

Vós, bom Espírito, que me protegeis e desejais a minha felicidade, desviái de mim o pensamento da inveja e do ciúme.

Pelos nossos inimigos e por aqueles
que nos queiram mal

46. PREFÁCIO. *Jesus disse: Amai, mesmo os vossos inimigos. Esta máxima é o sublime da caridade*

cristã; mas com ela Jesus não quis dizer que devemos ter para com os inimigos a ternura que temos para com os amigos. Ele nos quis dizer nessa máxima que devemos esquecer as ofensas, perdoar o mal que nos fazem e pagar o mal com o bem. Além do mérito que revelarmos aos olhos de Deus, mostraremos aos homens a verdadeira superioridade.

47. PRECE. Meu Deus, eu perdô a N... o mal que me fez e o que me quis fazer, como desejo que vós me perdoeis o que eu lhe possa ter feito. Se o colocastes em meu caminho para me experimentar, cumpra-se a vossa vontade.

Afastai de mim, Deus meu, o pensamento de o amaldiçoar, e todo o desejo malévolos contra ele. Permitti não sinta prazer com as desgraças que lhe possam advir, nem desgosto com os bens que lhe possam ser concedidos, para não macular minha alma com pensamentos indignos de um cristão. Possa a vossa bondade, Senhor, estender-se sobre ele e inspirar-lhe melhores sentimentos para comigo.

Bons Espíritos, inspirai-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Dai que o ódio, o rancor e o desejo de pagar o mal com o mal não entrem mais no meu coração, pois que o ódio e a vingança só são próprios dos maus Espíritos, encarnados ou desencarnados. Que, ao contrário, eu esteja pronto a lhe estender a mão fraterna e pagar-lhe com o bem todo o mal que me fez e auxiliá-lo, se isso estiver nas minhas forças.

Para experimentar a sinceridade das minhas palavras, desejo que se me ofereça ocasião de lhe ser útil; mas, principalmente, oh! meu Deus, preservai-me de o fazer por orgulho ou ostentação, acabrunhando-o com

uma generosidade humilhante, que me faria perder o fruto da minha ação, porque então mereceria me fosse aplicada esta máxima do Cristo: *Já recebestes a vossa recompensa.*

Em ação de graças pelo bem concedido
aos nossos inimigos

48. PREFÁCIO. *Não desejar o mal aos inimigos é ser caridoso apenas em parte; a verdadeira caridade manda que lhes desejemos o bem e nos alegremos com a sua ventura.*

49. PRECE. Meu Deus, em vossa justiça entendestes de dar um momento de júbilo ao coração de N... Eu vo-lo agradeço por ele, apesar do mal que me fez ou procurou fazer. Se ele se aproveitar desse benefício para me humilhar, eu o aceitarei como prova para a minha caridade.

Bons Espíritos que me protegeis, não me permitais conceber, por isso, pesar algum. Livrai-me da inveja e do ciúme, que rebaixam; inspirai-me, ao contrário, a generosidade que eleva. A humilhação está no mal e não no bem, e justiça cedo ou tarde será feita a cada um, segundo as suas obras.

Pelos inimigos do Espiritismo

50. Bem-aventurados os ávidos de justiça, porque serão saciados.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque o reino dos céus lhes pertence.

Deveis considerar-vos felizes quando os homens vos sobrecarregarem de maldições e vos perseguirem, quando vos caluniarem por minha causa. — Regozijai-vos, então, porque grande recompensa vos está reservada nos céus, pois desse modo foi que eles perseguiram os profetas que vos precederam. (*Mateus*, cap. V, vv. 6, 10 a 12.)

Não deveis temer os que matam o corpo mas não podem matar a alma; temeí, de preferência, aquele que poderá lançar a alma e o corpo na geena. (*Mateus*, cap. X, v. 28.)

51. **PREFÁCIO.** *De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que compreende também a liberdade de consciência. Lançar anátemas sobre aqueles que não pensam como nós, é querer essa liberdade para si, mas recusá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: caridade e amor ao próximo. Persegui-los por causa de suas crenças é atentar contra o mais sagrado direito, que todo homem tem, qual seja o de crer naquilo que lhe convenha e adorar a Deus como entenda. Constrangê-los a praticar atos exteriores, semelhantes aos nossos, é atribuir bem maior importância à forma do que ao fundo, à aparência do que às convicções. A abjuração forçada jamais despertou a fé; ela só pode produzir a hipocrisia; é um abuso da força material, que não prova a verdade. A verdade tem a clareza de si mesma; convence, mas não persegue, por não ter necessidade disso.*

O Espiritismo é uma opinião, uma crença. Quando mesmo fosse uma religião, por que não teríamos a liberdade de nos confessar espíritas, como possuímos a de nos confessar católico, judeu ou protestante, partidário de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Uma crença é falsa ou verdadeira; quando falsa, cairá por si mesma, porque o erro não pode prevalecer contra a verdade, desde que

a luz se faça nas inteligências; se é verdadeira, não pode tornar-se falsa pela perseguição.

A perseguição é o batismo de toda idéia nova, grande e justa e cresce com a grandeza e importância da idéia. O encarnçamento e a cólera dos inimigos da idéia estão na razão do temor que ela inspira. É por esse motivo que o Cristianismo foi outrora perseguido e que o Espiritismo o é hoje, com a diferença, contudo, de que o Cristianismo foi perseguido pelos pagãos e o Espiritismo o é por cristãos. O tempo das perseguições sangrentas já passou, é certo; mas, se não se mata mais o corpo, tortura-se a alma, atacam-se até os mais íntimos sentimentos, as afeições mais caras; dividem-se as famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; ataca-se mesmo o corpo em suas necessidades materiais, tirando-se-lhe o meio de ganhar a vida, para obrigá-lo a ceder pela fome.

Espíritas, não vos aflijais com os golpes que vos atiram, pois eles provam estardes com a verdade; do contrário, deixar-vos-iam tranqüilos e não vos perseguiriam. É isso uma prova para a vossa fé, pois, pela coragem, perseverança e resignação é que Deus vos reconhecerá entre os seus fiéis servidores, cuja relação Ele prepara para dar a cada um a parte que lhe pertence, segundo as suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, sede firmes em carregar a cruz e crede na palavra do Cristo, quando disse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque o reino dos céus lhes pertence. Não temais os que matam o corpo, mas não podem matar a alma.” Ele também disse: “Amai os vossos inimigos, fazei bem a quem vos fizer mal, e orai por aqueles que vos perseguem.” Mostrai que sois seus verdadeiros discípulos e que boa é a vossa doutrina, fazendo o que Ele disse e o que Ele próprio fez.

A perseguição durará pouco; esperai pacientemente o despontar da aurora, pois que a estrela da manhã já aparece no horizonte.

52. PRECE. Senhor, vós nos dissestes, por intermédio de Jesus, vosso Messias: «Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça; perdoai aos vossos inimigos; orai por aqueles que vos perseguem», e Ele próprio exemplificou, orando por seus algozes.

A seu exemplo, meu Deus, suplicamos a vossa misericórdia para aqueles que desconhecem os vossos divinos preceitos, os únicos que podem assegurar a paz neste e no outro mundo. Imitando o Cristo, nós vos dizemos: Perdoai-lhes, Pai, porque eles não sabem o que fazem.

Dai-nos ânimo para suportar com paciência e resignação, como prova para a nossa fé e humildade — o ridículo, a injúria, a calúnia e demais perseguições. Afastai de nós o pensamento de exercer represália, porque a hora da recompensa soará para todos e nós a aguardamos, submetendo-nos à vossa vontade.

Por uma criança que acaba de nascer

53. PREFÁCIO. *Os Espíritos chegam à perfeição depois de haverem passado pelas provas da vida corporal. Os que estão errantes, esperam de Deus a permissão para retomar uma existência, que lhes forneça meios de adiantamento, seja pela expiação das faltas passadas, através das vicissitudes a que são submetidos, seja cumprindo missão útil à Humanidade. Seu adiantamento e conseqüente felicidade futura serão*

proporcionados ao modo por que empregarem o tempo que passarem na Terra.

O encargo de lhes guiar os primeiros passos e dirigi-los para o bem, está confiado a seus pais, que responderão perante Deus pelo cumprimento desse mandato. Deus fez do amor paterno, e do filial, uma lei da Natureza, para facilitar a execução desse mandato, e essa lei jamais é violada impunemente.

54. PRECE. (*Para ser feita pelos pais.*) — Espírito que encarnaste no corpo de nosso filho, sê bem-vindo entre nós. Deus Todo-Poderoso, que o enviastes, sede bendito.

Sabemos que um depósito sagrado nos é confiado, do qual um dia deveremos prestar contas. Se ele pertence à nova geração dos bons Espíritos que hão de povoar a Terra, agradecemos, meu Deus, esse favor. Se é uma alma imperfeita, nosso dever está em auxiliá-la a progredir na estrada do bem, pelos nossos conselhos e bons exemplos; se cair no mal por culpa nossa, perante vós responderemos, por não termos cumprido a nossa missão para com ela.

Senhor, sustentai-nos nessa tarefa e dai-nos coragem e vontade para cumpri-la. Se esta criança tiver de ser motivo de provação para nós, faça-se a vossa vontade.

Bons Espíritos que viestes presidir ao seu nascimento e deveis acompanhá-la durante a vida, não a abandoneis. Afastai dela os maus Espíritos que tentarem induzi-la ao mal; dai-lhe força para resistir às más sugestões, e valor para suportar com paciência as provas que a esperam na Terra.

55. (*Outra*) — Meu Deus, já que me confiastes a sorte de um dos vossos Espíritos, tornai-me digno da

missão que me impusestes; concedei-me a vossa proteção, esclarecei-me a inteligência para que cedo eu possa discernir as tendências daquele que devo preparar para entrar na vossa paz.

56. (*Outra*) — Deus bondoso, uma vez que vos aprouve permitir que um Espírito, nesta criança, viesse de novo passar pelas provas terrestres destinadas a fazê-lo progredir, dai-lhe a luz para que aprenda a conhecer-vos, amar-vos e adorar-vos. Pela vossa onipotência, fazei que esta alma se regenere na fonte das vossas divinas instruções. Dai que, sob a égide do seu anjo de guarda, a inteligência se lhe aumente e desenvolva, fazendo-a ter por aspiração aproximar-se, cada vez mais, de vós; seja a ciência do Espiritismo a brilhante luz que a esclareça, através dos escolhos da vida; saiba ela, enfim, apreciar toda a extensão do vosso amor, que nos experimenta para nos purificar.

Senhor, lançai um olhar paterno sobre a família a quem confiastes esta alma. Possa ela compreender a importância da sua missão e fazer germinar nesta criança as boas sementes, até o dia em que puder, pelas próprias aspirações, elevar-se sozinha para vós.

Dignai-vos, Deus meu, escutar esta humilde prece, em nome e pelos méritos daquele que disse: «Deixai que venham a mim as criancinhas, porque o reino dos céus é para aqueles que se lhes assemelham.»

Por um agonizante

57. *PREFÁCIO. A agonia é o prelúdio do abandono do corpo pela alma. Pode-se dizer que nesse momento o homem tem um pé neste mundo e outro no*

Além. Essa passagem é, às vezes, penosa para aqueles que estão muito ligados à matéria, e viveram cuidando mais dos bens deste mundo que dos do outro, ou cuja consciência é agitada por pesares e remorsos. Para aqueles, ao contrário, cujos pensamentos se elevaram para o infinito e se desprenderam da matéria, os laços são menos difíceis de romper e os seus últimos momentos nada têm de dolorosos; a alma, então, está presa ao corpo apenas por um fio, enquanto que, no outro caso, está ligada por profundas raízes.

Em uma ou outra circunstância, a prece exerce ação poderosa sobre o trabalho da separação. (Vede adiante — Preces pelos enfermos, e “O Céu e o Inferno”, de Allan Kardec, já citado, 2.^a Parte, cap. I: “O Passamento”.)

58. PRECE. Deus potente e misericordioso, eis uma alma que deixa o seu invólucro terrestre para de novo voltar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria; possa ela aí entrar em paz e receber a vossa misericórdia.

Bons Espíritos que a acompanhastes na Terra, não a abandoneis neste momento. Dai-lhe alento para suportar os últimos sofrimentos pelos quais deve passar neste mundo, para seu adiantamento futuro. Inspirai-a para que consagre ao arrependimento de suas faltas os derradeiros reflexos de inteligência que lhe restam, ou possam momentaneamente sobrevir-lhe. Dirigi-lhe o meu pensamento, a fim de que sua ação torne menos penoso o trabalho do desprendimento, levando-lhe à alma, no momento de deixar a Terra, as consolações da esperança.

D — PRECES PELOS DESENCARNADOS

Por alguém que acaba
de desencarnar

59. *PREFÁCIO. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não têm somente por fim dar-lhes testemunho de simpatia; têm também por efeito auxiliá-los no desprendimento e, assim, abreviar a perturbação que acompanha sempre a separação, tornando-lhes o despertar mais calmo. Mas nisso, como em qualquer outra circunstância, a eficácia está na sinceridade do pensamento e não na abundância das palavras, ditas com mais ou menos pompa, e nas quais, quase sempre, o coração não toma parte alguma.*

As preces que partem do coração ressoam ao redor do Espírito, cujas idéias estão confusas, qual as vozes amigas que nos despertam do sono.

60. *PRECE. Deus Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre a alma de N..., que acabais de chamar para o Além. Possam ser-lhe contadas as provas que ela (ou ele) sofreu na Terra, e as nossas*

preces suavizar e abreviar as penas que ainda venha a sofrer em Espírito.

Espíritos bons, que viestes recebê-la, e vós, que lhe sois seu anjo de guarda, auxiliai-a a despojar-se da matéria; dai-lhe a luz e a consciência do seu estado, a fim de tirá-la da perturbação que acompanha a passagem da vida corporal para a espiritual; inspirai-lhe o arrependimento das faltas que haja cometido e o desejo de repará-las, a fim de apressar o adiantamento para a vida eterna bem-aventurada.

N..., acabastes de entrar na vida espiritual, mas, aqui estais presente entre nós; podeis ver-nos e ouvir-nos, porque a única diferença entre nós existente é apenas a do corpo efêmero, que acabastes de deixar e que muito em breve estará reduzido a pó.

Deixastes o grosseiro envoltório sujeito às vicissitudes e à morte, e conservais o invólucro etéreo, imortal. Se não viveis mais a vida do corpo, viveis a do Espírito — vida isenta das misérias que afligem a Humanidade. Não tendes mais o véu que aos nossos olhos oculta os esplendores da vida futura; podeis agora contemplar as novas maravilhas, ao passo que nós ainda ficamos mergulhados em trevas. Podeis percorrer o Espaço e visitar os mundos com toda a liberdade, ao passo que nós com dificuldade nos arrastamos na Terra, à qual nos prende o corpo material, semelhante a pesado grilhão.

O horizonte do Infinito vai desenrolar-se diante de vós, e, em presença de tanta grandeza, compreenderéis a futilidade dos desejos terrestres, das ambições mundanas e das alegrias vãs que os homens consideram delícias. A morte é simplesmente uma separação material de alguns

instantes. Deste exílio, onde ainda nos retém a vontade de Deus e os deveres que aqui temos de cumprir, nós vos seguiremos pelo pensamento, até que seja permitido reunirmo-nos de novo, assim como já vos reunistes aos que vos precederam. Não podemos ir para perto de vós, mas podeis vir para junto de nós. Vinde, pois, visitar os que vos amam e os que amastes; sustentai-os nas provações da vida; velai pelos que vos são caros; protegei-os, conforme o vosso poder, e mitigai-lhes os pesares, comunicando-lhes, pelo pensamento, a notícia de que sois feliz agora, dando-lhes a consoladora certeza de que um dia se reunirão a vós, em um planeta melhor. No mundo em que vos achais, todos os ressentimentos terrestres devem extinguir-se. Que a eles sejais inacessível, no interesse da vossa felicidade futura. Perdoai aos que vos ofenderam, assim como eles vos perdoam.

Nota — Pode-se acrescentar a esta prece, aplicável a todos, algumas palavras especiais, conforme as circunstâncias particulares da família, ou de relação e posição do falecido.

Se se tratar de uma criança, o Espiritismo ensina não ser ela um Espírito de criação recente, mas um Espírito que já viveu e pode estar bastante adiantado. Se a sua última existência foi curta, é que era apenas complemento de prova, ou prova para os pais.

61. (*Outra*) — ⁽¹⁾. Senhor Todo-Poderoso, que a vossa misericórdia se estenda sobre todos os nossos

⁽¹⁾ Esta prece foi ditada a um médium de Bordéus, no momento em que passava sob sua janela o enterro de um desconhecido.

irmãos que acabam de deixar a Terra e que a vossa luz brilhe diante dos seus olhos!

Tirai-os das trevas: abri-lhes os olhos e os ouvidos! Que os bons Espíritos se aproximem deles, fazendo-os escutar palavras de paz e esperança.

Senhor, por mais indignos que sejamos, atrevemo-nos a implorar-vos misericórdia e indulgência em favor deste nosso irmão, que acaba de ser chamado do exílio; permiti que a sua volta seja a do filho pródigo. Esquecei, meu Deus, as faltas que ele haja cometido, para só vos lembrardes do bem que porventura tenha feito. A vossa justiça é invariável, bem o sabemos, mas o vosso amor é imenso; nós suplicamos que abrandeis a justiça na fonte de bondade que de vós emana.

Irmão que acabais de deixar a Terra: faça-se a luz para vós! que os bons Espíritos do Senhor, de vós se aproximando, vos ajudem a quebrar as cadeias terrestres! Vede e compreendei a grandeza do nosso Senhor! Submetei-vos sem queixumes à sua justiça e nunca desesperéis da sua misericórdia.

Irmão! Oxalá um sério exame do vosso passado vos abra as portas do futuro, fazendo-vos compreender as faltas que deixastes atrás e o trabalho que vos cumpre realizar para repará-las. Que Deus vos perdoe e os bons Espíritos vos sustentem e animem! Os vossos irmãos da Terra orarão por vós, assim como vos pedem que oreis por eles.

Pelas pessoas que nos sejam
afeiçoadas

62. PREFÁCIO. *Como é horrorosa a idéia do nada! Como são dignos de lástima os que crêem que a*

voz do amigo, que chora outro amigo, se perde no vácuo e nenhum eco acha em resposta! Jamais conheceram as puras e santas afeições, os que pensam que tudo morre com o corpo; os que supõem ser o Espírito que ilumina o mundo, com a sua vasta inteligência, um jogo da matéria, extinguível para sempre, qual um sopro; os que cuidam que do mais caro ente — seja pai, mãe, esposa ou filho adorados — nada mais subsistirá além do pó que o tempo dissipará irrevogavelmente!

Como pode um homem sensível se conservar impávido ante semelhante pensamento? Como é possível que a idéia de um aniquilamento absoluto não o gele de horror e não o faça ao menos desejar que assim não seja? Se até ao presente sua razão não foi suficiente para lhe dissipar as dívidas, aí está o Espiritismo, que vem pôr termo a todas as incertezas acerca do futuro, mediante as provas materiais que oferece, da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Por toda parte essas provas são acolhidas alegremente. A confiança renasce, porque o homem fica sabendo que a vida terrestre não é mais que curta passagem, que o conduzirá a melhor existência; que seus trabalhos neste mundo não ficam perdidos, e que as mais santas afeições não se despedaçam sem esperança.

63. PRECE. Dignai-vos, meu Deus, acolher favoravelmente a prece que vos dirijo pelo Espírito de N... e permiti-lhe entrever as vossas divinas luzes, tornando-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Consenti que os bons Espíritos lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu que me eras caro neste mundo, ouve a minha voz que te chama para te dar novo testemunho de afeição. Deus permitiu que fosses libertado antes de mim: lamentar-me seria egoísmo, pois com isso provaria

desejar-te ainda as penas e sofrimentos da vida. Aguardo resignadamente o instante da nossa união nesse mundo mais feliz, em que me precedeste.

Sei que a nossa separação é apenas momentânea e que, por mais longa que pareça, sua duração se apaga diante da felicidade eterna que Deus reserva aos seus eleitos. Preserve-me a sua bondade de cometer qualquer ato que retarde esse almejado instante, poupando-me assim a dor de não te encontrar, ao sair do meu cativeiro terrestre.

Oh! como é doce e consoladora a certeza de que entre nós não há senão um véu material que te oculta à minha vista; que podes estar ao meu lado, ver-me, ouvir-me como outrora, ou melhor ainda; que não me esqueces, assim como de ti não me esqueço; que os nossos pensamentos não cessam de se confundir e que o teu me segue e ampara sempre!

A paz do Senhor fique contigo.

Pelas almas sofredoras que
pedem preces

64. PREFÁCIO. *Para se compreender o alívio que a prece pode levar aos Espíritos sofredores, é mister se saiba a maneira de sua atuação, já acima explicada. Quem se compenetrar dessa verdade, ora com mais fervor pela certeza de não o fazer inutilmente.*

65. PRECE. Deus clemente e misericordioso, que a vossa bondade se estenda sobre os Espíritos que se recomendam às nossas preces, e principalmente sobre a alma de N. . .

Bons Espíritos, cuja única preocupação é o bem, intercedei comigo para que eles sejam aliviados! Fazei brilhar ante seus olhos um raio de esperança e que a luz divina os esclareça quanto às imperfeições que os afastam da morada dos bem-aventurados! Abri-lhes os corações ao arrependimento e ao desejo de se purificarem para apressar o seu adiantamento. Fazei-lhes compreender que por seus esforços podem abreviar a duração de suas provas!

Que Deus, em sua bondade, lhes dê força para perseverarem nas boas resoluções. Possam estas palavras suavizar-lhes os sofrimentos, mostrando-lhes que há, na Terra, entes compadecidos deles e desejosos da sua felicidade.

66. (*Outra*)—Nós vos pedimos, Senhor, que derrames as graças do vosso amor e misericórdia sobre todos quantos sofrem, quer no Espaço, como Espíritos errantes, quer entre nós, como encarnados. Tende piedade das nossas fraquezas. Fazendo-nos falíveis, destes-nos, todavia, a força de resistir ao mal e vencê-lo. Que a vossa misericórdia se estenda sobre todos os que não puderam resistir aos maus pensamentos e ainda são arrastados por mau caminho. Que os bons Espíritos os cerquem e aos seus olhos cintile a luz divina, para que, atraídos pelo seu calor vivificante, se prostrem, humildes, arrependidos e submissos.

Igualmente vos pedimos, Pai, misericórdia para os nossos irmãos que não tiveram forças para suportar as provas terrestres. Destes-nos um fardo a carregar, Senhor, e não o devemos depor senão ao fim da jornada; mas a nossa fraqueza é grande e a coragem nos falta às vezes em

caminho. Tende piedade desses servos indolentes, que abandonaram a tarefa antes de soar a hora; poupe-os a vossa justiça, e permiti que os bons Espíritos lhes tragam consolações, alívio e esperança no futuro. O bálsamo do perdão fortifica a alma; derramai-o, Senhor, sobre os culpados que desesperam, e eles, sustentados por essa esperança, haurirão forças na grandeza mesma de suas faltas e sofrimentos, a fim de resgatarem o passado e se prepararem para a conquista do futuro.

Por um inimigo morto

67. PREFÁCIO. *A caridade para com os nossos inimigos deve segui-los até ao além-túmulo. Convém lembrar que o mal que eles nos fizeram foi para nós uma prova que pode ter sido útil ao nosso adiantamento, se dela soubermos tirar proveito, e que nos pode ter sido ainda mais proveitosa do que as aflições puramente materiais, se, à coragem e à resignação, ela nos levar a juntar a caridade e o esquecimento das ofensas.*

68. PRECE. Senhor, à vossa justiça aprouve chamar, antes de mim, a alma de N... Eu lhe perdôo o mal que me fez e as suas más intenções para comigo.

Possa ele sentir disso pesar, agora que não tem mais as ilusões deste mundo.

Permiti, meu Deus, que a vossa misericórdia se estenda sobre ele, e afastai de mim o pensamento de me regozijar com a sua morte. Se procedi mal para com ele, que me perdoe, assim como me esqueço do procedimento que teve para comigo.

Por um criminoso

69. PREFÁCIO. *Se a eficácia da prece fosse proporcionada ao seu tamanho, as mais longas deveriam ser reservadas para os mais culpados, por terem eles mais necessidade delas do que os que viveram santamente. Recusá-las aos criminosos é faltar à caridade e desconhecer a misericórdia de Deus; crê-las inúteis, por haver um homem cometido tal ou qual falta, é prejudicar a justiça do Altíssimo.*

70. PRECE. Senhor Deus de misericórdia, não repudieis este criminoso que acaba de deixar a Terra! A justiça dos homens castigou-o, mas não o isentou da vossa, se o seu coração não foi tocado pelo remorso.

Levantai a venda que lhe oculta a gravidade de suas faltas. Possa o seu arrependimento achar graças perante vós, e abrandar-lhe os sofrimentos da alma! Possam, também, as nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos levar-lhe esperança e consolação. Inspirai-lhe o desejo de reparar as suas más ações em nova existência, e dai-lhe forças para não sucumbir às novas lutas que houver de travar.

Senhor, tende piedade dele!

Por um suicida

71. PREFÁCIO. *O homem não tem o direito de dispor da própria vida, porque só a Deus cabe retirá-lo do cativo terrestre, quando julgar oportuno. A justiça divina, contudo, pode amenizar os seus rigores, em face das circunstâncias, mas usa de toda a severidade para com aquele que tentou fugir às provas da vida. O*

suicida é qual prisioneiro que se evade da prisão antes de expirado o prazo da sua pena e que, quando de novo preso, é punido mais severamente. Assim acontece ao suicida, que, crendo escapar às misérias presentes, se condena a maiores desgraças.

72. PRECE. Meu Deus, nós bem sabemos qual seja a sorte reservada aos que violam as vossas leis, abreviando seus dias voluntariamente; mas também sabemos que a vossa misericórdia é infinita. Dignai-vos de derramá-la na alma de N... Possam as nossas preces, unidas à vossa comiseração, mitigar os sofrimentos que o martirizam, por não ter tido a coragem de esperar o fim de suas provas!

Bons Espíritos, cuja missão é assistir os infelizes, tomai-o sob a vossa proteção; inspirai-lhe pesar pela sua falta, e que a vossa assistência lhe dê ânimo para sofrer com resignação as novas provas que terá de suportar para reparação da sua fraqueza. Afastai dele os maus Espíritos quê possam de novo levá-lo ao mal e prolongar-lhe as penas, fazendo-lhe perder o fruto de suas futuras expiações.

Irmão, cuja desgraça constitui o objeto desta prece, possa a nossa comiseração aliviar-vos nas amarguras e fazer que em vós renasça a esperança de um futuro melhor. Esse futuro está em vossas mãos. Confiai na bondade de Deus, cujo amparo está sempre aberto a todos os arrependidos, só se conservando fechado aos corações endurecidos.

Pelos Espíritos arrependidos

73. PREFÁCIO. *Seria injusto colocar na categoria dos maus Espíritos os sofrendores e os arrependidos que*

pedem preces. Estes poderiam ter sido maus; mas deixaram de sê-lo, desde que reconheceram as próprias faltas e as lamentam; são apenas infelizes, e alguns principiam mesmo a gozar relativa felicidade.

74. PRECE. Deus de misericórdia, que aceitais o arrependimento sincero do pecador encarnado ou desencarnado, eis aqui um Espírito que se comprazia no mal, mas reconhece seus erros e entra no bom caminho. Dignai-vos, oh! meu Deus, de recebê-lo, qual filho pródigo, e perdoá-lo.

Bons Espíritos, a cuja voz ele foi surdo, de hoje em diante ele vos quer escutar. Permiti-lhe entrever a felicidade dos escolhidos do Senhor, a fim de que persista no desejo de se purificar para alcançá-la nas boas resoluções; dai-lhe energia para resistir aos maus instintos.

Espírito de N..., nós vos felicitamos pela vossa mudança e agradecemos aos bons Espíritos que vos auxiliaram.

Se tivestes prazer outrora em praticar o mal, foi por não compreenderdes quanto é agradável a satisfação de fazer o bem. Se vos sentistes indigno de merecer a felicidade, logo que pusestes o pé no bom caminho, iluminou-vos nova luz; principiastes a gozar ventura desconhecida, e a esperança penetrou no âmago de vossa alma. É que Deus ouve sempre a prece do pecador arrependido, e a nenhum dos que o procuram repele.

Para entrardes plenamente em sua graça, deveis, daqui por diante, não somente abster-vos do mal, mas dedicar-vos à prática do bem, e especialmente a reparar o

mal que fizestes. Então, tereis satisfeito a justiça de Deus, pois cada boa ação apagará uma das faltas passadas. O primeiro passo está dado; agora, quanto mais avançardes, tanto mais fácil e agradável vos parecerá o caminho. Perseverai, pois, e um dia tereis a glória de serdes contado entre os bons Espíritos, entre os Espíritos felizes.

Pelos Espíritos endurecidos

75. PREFÁCIO. *Maus Espíritos são aqueles que ainda não foram tocados pelo arrependimento; os que se comprazem no mal e não o lamentam; os que são insensíveis às admoestações, repelem a prece e muitas vezes blasfemam contra Deus. São essas almas endurecidas que, depois da morte, se vingam, nos homens, do sofrimento que padecem, e perseguem com rancor aqueles a quem durante a vida odiaram, ou pela obsessão, ou por uma influência funesta qualquer.*

Entre os Espíritos perversos, existem duas categorias bem distintas: a dos que são francamente maus e a dos hipócritas. Os primeiros são infinitamente mais fáceis de encaminhar para o bem do que os segundos. São muitas vezes naturezas brutas e grosseiras, como se observa entre homens, e que fazem o mal mais por instinto do que por cálculo, sem procurarem passar por melhores do que são. Neles, porém, existe latente um germe que cumpre desabrochar. Conseguem-se isso, quase sempre, com a perseverança e a firmeza, juntas à benevolência, aos bons conselhos, à instrução e à prece. A dificuldade que eles têm de escrever, pelo médium, o nome de Deus, é

indício de temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz serem indignos de tanto. Aquele que se acha nesse ponto está próximo da conversão, e dele tudo se pode esperar, bastando para isso se lhes encontre o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas são quase sempre muito inteligentes, mas de coração insensível: nada os comove; simulam todos os bons sentimentos para conquistar a confiança, e rejubilam quando encontram parvos que os aceitam por Espíritos santos e a quem possam, à vontade, governar. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o mínimo temor, serve de máscara para lhes cobrir as torpezas. No mundo invisível, e assim no visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque agem na sombra, sem que se desconfie deles. Aparentam uma fê que nunca é sincera.

76. PRECE. Senhor, dignai-vos de lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos, que ainda estão nas trevas da ignorância e vos desconhecem — especialmente sobre o de N...

Bons Espíritos, ajudai-nos a fazer-lhes compreender que, induzindo os homens ao mal, obsidiando-os e atormentando-os, eles prolongam seus próprios sofrimentos. Fazei que o exemplo da felicidade de que gozais lhes seja estímulo.

Espíritos que ainda vos deleitais no mal, acabastes de ouvir a prece que por vós fizemos; ela vos deve provar que desejamos fazer-vos o bem, conquanto pratiqueis o mal. Sois infelizes, pois é impossível ser feliz quem faz o mal. Por que permaneceis no sofrimento, quando de vós depende evitá-lo? Vede os bons Espíritos que vos

cercam, vede que felizes são; não vos seria mais agradável gozar da mesma felicidade? Direis que isso vos é impossível; mas nada é impossível àquele que quer, pois Deus vos concedeu, e igualmente a todas as suas criaturas, a liberdade da escolha entre o bem o mal, entre a felicidade e a desgraça, e ninguém é condenado a fazer o mal. Se tendes a vontade de fazê-lo, podeis também ter a de praticar o bem e de ser feliz.

Volvei os olhos para Deus, elevai-vos um só instante até Ele, pelo pensamento, e um raio de sua divina luz virá iluminar-vos. Dizei conosco estas simples palavras: «Meu Deus, eu me arrependo, perdoai-me!» Procurai arrepender-vos e fazer o bem em lugar do mal, e sentireis imediatamente a sua misericórdia baixar sobre vós, e um bem-estar desconhecido virá substituir as angústias que suportais. Uma vez que houverdes dado um passo no bom caminho, o resto do trajeto vos parecerá fácil. Compreendereis, então, quanto tempo de felicidade perdestes por culpa vossa; mas um futuro radiante e cheio de esperança se abrirá diante de vós, fazendo-vos esquecer o mísero passado cheio de perturbações e torturas morais, que seriam vosso inferno, se houvessem de durar eternamente. Dia virá em que estas torturas serão tais que a todo preço buscareis fazê-las cessar; porém, quanto mais demorardes mais difícil será isso de conseguir.

Não permanecereis sempre no estado atual; não, isso é impossível. Diante de vós tendes duas perspectivas: uma — a de sofrer muito mais do que presentemente; outra — a de ser feliz como os bons Espíritos que vos rodeiam. A primeira é inevitável, se

persistirdes na vossa obstinação. Um simples esforço de vontade basta para vos arrancar do mau caminho onde vos achais. Apressai-vos, pois; cada dia de demora é um dia perdido de felicidade.

Bons Espíritos, fazei que estas palavras achem acesso nesta alma ainda atrasada, a fim de a ajudarem a aproximar-se de Deus. Nós vo-lo suplicamos em nome de Jesus, que teve tão grande poder sobre os Espíritos impuros.

E — PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS

77. **PREFÁCIO.** *As enfermidades fazem parte das provas e vicissitudes da vida terrestre: são inerentes à grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do planeta em que habitamos. As paixões e excessos de todos os gêneros semeiam em nós germes mórbidos, muitas vezes hereditários. Nos planetas mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais aperfeiçoado e menos material, não está sujeito às enfermidades, nem o corpo é ocultamente minado pelos estragos das paixões.*

Cumpra, pois, nos resignemos a sofrer as conseqüências do meio onde a nossa inferioridade nos colocou, até merecermos mudar de habitação. Enquanto esperamos, nada nos inibe de fazer quanto dependa de nós para melhoramento da nossa situação atual; mas, se apesar dos esforços nada conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação os males transitórios.

Se Deus não houvesse querido que os sofrimentos corporais fossem suprimidos ou suavizados em certos casos, não poria meios curativos à nossa disposição. A

sua providente solicitude a este respeito, de acordo com o instinto de conservação, indica-nos que é nosso dever procurá-los e aplicá-los.

Ao lado da medicina comum, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos revelou o poder da ação fluídica. E o Espiritismo nos veio revelar outra força poderosa na mediunidade curadora e a influência da prece.

78. PRECE. (*A ser feita pelo doente.*) — Senhor, vós sois Todo justiça. A enfermidade que vos aprouve enviar-me é merecida, visto que jamais se sofre sem causa. Eu me submeto, pelo que diz respeito à minha cura, à vossa infinita misericórdia. Se vos aprouver restituir-me a saúde, seja bendito o vosso nome. Se, ao contrário, ainda devo sofrer, igualmente seja bendito o vosso nome. Eu me sujeito, sem me queixar, aos vossos divinos decretos, pois tudo quanto fazeis só pode ter por fim o bem das vossas criaturas.

Permiti, meu Deus, seja esta enfermidade salutar advertência para mim, e que me obrigue à regeneração. Recebo-a em expiação do meu passado e por prova da minha fé e da minha submissão à vossa sacratíssima vontade.

79. PRECE. (*Em favor do doente.*) — Meu Deus, vossos desígnios são impenetráveis, e em vossa sabedoria julgastes dever afligir a N... com uma enfermidade. Lançai, eu vos suplico, um olhar de compaixão para os seus sofrimentos e dignai-vos de lhes pôr termo.

Bons Espíritos, ministros do Todo-Poderoso, secundai, eu vos peço, este meu desejo de aliviá-lo, e dirigi-lhe meus pensamentos de modo a derramarem o bálsamo salutar sobre seu corpo, bem assim consolação na sua alma. Inspirai-lhe paciência e submissão à

vontade de Deus, e dai-lhe calma para resistir às dores com resignação cristã, a fim de que não perca o fruto desta prova. (Ver a prece nº 43.)

80. PRECE. (*Para ser feita pelo médium, junto do enfermo.*) — Meu Deus, se vos dignásseis servir-vos de mim, apesar de indigno, eu desejaria aliviar o sofrimento deste irmão, se essa também for a vossa vontade, pois tenho fé no vosso amor. Sem o vosso auxílio, porém, nada poderei fazer. Permiti que os bons Espíritos me envolvam nos seus fluidos salutares, para que eu os transmita a este enfermo; desviái de mim qualquer pensamento de orgulho e egoísmo, que lhes pudesse alterar a pureza.

Pelos obsidiados

81. PREFÁCIO. *A obsessão é a ação persistente de mau Espírito sobre um indivíduo. Ela apresenta caracteres muito diferentes, desde a simples influência moral, sem sinais sensíveis exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais; oblitera todas as faculdades mediúnicas, traduzindo-se, na mediunidade psicográfica, pela obstinação de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros.*

Os maus Espíritos pululam ao redor da Terra, por efeito da inferioridade moral dos seus habitantes. A ação maléfica que eles exercem faz parte dos flagelos com que luta a Humanidade neste mundo. A obsessão, de igual modo que as enfermidades e todas as tribulações da vida, deve, pois, ser considerada uma prova ou expiação, e como tal aceita.

Se as enfermidades resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às perniciosas influências exteriores, a obsessão resulta sempre da imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito maligno. A uma causa física se opõe a força física; a uma causa moral é preciso opor-se a força moral. Para nos preservarmos das enfermidades, fortificamos o corpo; para nos garantirmos da obsessão, é preciso fortifiquemos a alma; de onde, para o obsidiado, a necessidade de trabalhar pelo seu próprio adiantamento, o que não raro basta para desembaraçá-lo do obsessor, sem auxílio de pessoas estranhas. Esse auxílio se torna necessário quando a obsessão degenera em subjugação, ou em possessão, porque, nesta conjuntura, o paciente fica privado, muitas vezes, da vontade e do livre-arbítrio.

A obsessão é quase sempre uma vingança exercida por um Espírito, e a maior parte das vezes tem origem nas relações que o obsidiado teve com ele numa precedente existência.

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado é como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que cumpre desembaraçá-lo. Ora, um mau fluido não pode ser repellido por outro fluido mau. Por ação idêntica à do médium, nos casos de moléstias, é preciso expulsar o fluido mau por meio de um fluido melhor, o qual, de algum modo, produz o efeito de reativo. Isso constitui a ação mecânica que, no entanto, não é suficiente; importa, principalmente, atuar sobre o ser inteligente, a quem é preciso se tenha direito de falar com autoridade, e essa autoridade só é dada à superioridade moral. Quanto maior for esta, maior será aquela.

Ainda não é tudo. Para assegurar a libertação, é mister fazer que o Espírito perverso renuncie aos seus

maléficos designios; despertar-lhe o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente dirigidas nas evocações particulares, feitas em prol da sua educação moral. Então, pode ter-se a dupla satisfação de libertar um encarnado e converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se torna mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, a auxilia com o seu concurso — de vontade e de preces. O mesmo não sucede, porém, quando, seduzido pelo Espírito obsessor, liga grande importância às qualidades daquele que o domina, e se compraz no erro a que este último o induz, porque, então, longe de secundar, ao contrário — repele qualquer concurso. É o caso da fascinação, sempre muito mais rebelde do que a subjugação mais violenta. (O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec, cap. XXIII.)

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso agente contra o Espírito obsessor.

82. PRECE. (*Do obsidiado.*) — Meu Deus, permiti que os bons Espíritos me libertem do Espírito maléfico que se me ligou. Se é uma vingança que ele exerce, pelo mal que outrora eu lhe tenha causado, sei que o permitis, meu Deus, para a minha punição: sofro as conseqüências de minha falta. Possa o meu arrependimento obter para mim o vosso perdão, e a liberdade! Qualquer que seja, todavia, o motivo, imploro para esse Espírito a vossa misericórdia; dignai-vos de lhe facilitar o caminho do progresso, que o desviará da idéia de fazer o mal, e possa eu, por minha vez, retribuir-lhe com o bem o mal que me causa e conduzi-lo a melhores sentimentos.

Mas, também sei, meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam acessível à influência dos

Espíritos imperfeitos. Dai-me a luz necessária para as reconhecer e especialmente destruí em mim o orgulho que me cega quanto aos meus defeitos. Qual não deve ser a minha indignidade, para que um ser malfazejo possa dominar-me! Permiti, meu Deus, que esse golpe vibrado na minha vaidade me sirva de lição para o futuro, me fortifique na resolução que tomo de me aperfeiçoar pela prática do bem, da caridade e da humildade, para, doravante, opor barreiras às más influências.

Senhor, dai-me forças para atravessar esta prova com paciência e resignação. Compreendo que, como todas as provas, ela há de concorrer para o meu adiantamento, se eu não lhe perder o fruto pelas minhas murmurações, pois que ela me fornece oportunidade de testemunhar minha submissão e de exercer a caridade para com um irmão infeliz, perdando-lhe o mal que me causou.

83. PRECE. (*Em favor do obsidiado.*) — Deus Todo-Poderoso, dignai-vos de dar-me poder para libertar N... do Espírito que o obsidia. Se em vossos desígnios estiver a terminação dessa prova, concedei-me a graça de falar a esse Espírito com autoridade.

Bons Espíritos que me assistis, e vós meu anjo de guarda, prestai-me o vosso concurso, ajudando-me a desembaraçá-lo do fluido impuro em que se acha envolvido. Em nome de Deus Todo-Poderoso, conjuro o Espírito malfeitor, que o atormenta, a retirar-se.

84. PRECE. (*Em favor do obsessor.*) — Deus infinitamente bom, eu vos imploro misericórdia para o Espírito que obsidia N... ; mostrai-lhe as divinas luzes para que veja o falso caminho por onde se embrenhou. Bons

Espíritos, ajudai-me a convencê-lo de que, fazendo o mal, tem tudo a perder, e tudo a ganhar — praticando o bem.

Espírito que vos comprazeis em atormentar N..., ouvi-me, pois que vos falo em nome de Deus! Se quiserdes refletir, compreendereis que o mal não pode sobrepujar o bem, que não conseguireis ser mais poderoso do que Deus e os bons Espíritos. Eles poderiam ter preservado N... do vosso contacto; se o não fizeram, foi porque ele (ou ela) tinha de sofrer esta prova. Mas, quando tal prova houver chegado ao termo, eles vos impedirão de exercer influência sobre a vossa vítima atual, e o mal que fizestes, longe de o prejudicar, terá servido para o seu adiantamento, e lhe dará felicidade, ficando a vossa malvadez inteiramente perdida e sobre vós recaindo.

Deus, que é Todo-Poderoso, e os Espíritos superiores, seus delegados, mais poderosos do que vós, porão termo a esta obsessão, quando o quiserem; e ante essa suprema autoridade a vossa obstinação se anulará. Mas, por isso mesmo que Deus é bom, deixa-vos o mérito de, pela vossa própria vontade, cessar semelhante perseguição. É uma dilatação que Ele vos concede, e, se não a aproveitardes, sofrereis deploráveis conseqüências. Grandes dores e cruéis sofrimentos vos esperam; sereis forçado a suplicar-lhe piedade e preces à vossa vítima, que já vos perdoou e por vós implora — o que constitui grande merecimento aos olhos de Deus, que por isso apressará a sua libertação.

Refleti, enquanto é tempo, pois a justiça de Deus recairá sobre vós, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Lembrai-vos de que o mal que neste momento fazeis terá

forçosamente um termo, enquanto que, se persistirdes no endurecimento, as vossas angústias irão aumentando constantemente. Quando estáveis na Terra, não acharíeis estúpido sacrificar um bem duradouro por uma satisfação efêmera? De igual modo, deveis hoje pensar em Espírito. Que ganhais com o vosso procedimento? O mísero prazer de atormentar alguém, o que vos não impede de ser desgraçado — embora o não confesseis — e vos tornará ainda mais infeliz futuramente.

A par disso, vede o que perdeis. Olhai os bons Espíritos que vos cercam e dizei se a sorte deles não é preferível à vossa. Da felicidade que eles gozam, podereis participar, quando vos aprouver, pois, para isso, basta implorar a Deus, e fazer o bem em vez do mal. Sei que não podeis transformar-vos subitamente; mas Deus não pede impossíveis; o que Ele quer é boa-vontade. Esforçai-vos, e sereis auxiliado; contribuí para que breve possamos dizer a prece dos Espíritos arrependidos (vede a de nº 74) em vossa intenção, para que não mais vos classifiquemos entre os Espíritos maus, esperando poder ainda contar-vos entre os bons.

(Vede, também, a prece pelos Espíritos endurecidos, sob o nº 75.)

Nota — A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e dedicação. Igualmente exige tato e habilidade para conduzir, ao bem, Espíritos às vezes muito perversos, endurecidos e astuciosos, pois alguns existem que são rebeldes ao último grau. Na maior parte dos casos, as circunstâncias é que nos devem guiar. Mas, qualquer que seja o caráter do Espírito, uma

coisa é certa: nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência está no ascendente moral. Outra verdade igualmente verificada pela experiência, e também pela lógica, *é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores ou quaisquer símbolos materiais.*

A obsessão por muito tempo prolongada pode ocasionar desordens patológicas, e requer muitas vezes tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer moral, para restabelecimento do organismo. Destruída a causa, urge combater os efeitos. (Vede *O Livro dos Médiuns*, de Allan Kardec, cap. XXIII.)

Prece de Cáritas

Deus, nosso Pai, que sois todo Poder e Bondade, dai a força àqueles que passam pela provação, dai a luz àquele que procura a verdade, ponde no coração do homem a compaixão e a caridade.

Deus! Dai ao viajor a estrela guia, ao aflito a consolação, ao doente o repouso.

Pai! Dai ao culpado o arrependimento, ao Espírito a verdade, à criança o guia, ao órfão o pai.

Senhor! Que vossa bondade se estenda sobre tudo que criastes.

Piedade, Senhor, para aqueles que vos não conhecem, esperança para aqueles que sofrem.

Que a vossa bondade permita aos Espíritos consoladores espalharem por toda parte a paz, a esperança e a fé.

Deus! um raio, uma faísca de vosso amor pode abraçar a Terra; deixai-nos beber nas fontes dessa bondade fecunda e infinita, e todas as lágrimas secarão, todas as dores se acalmarão.

Um só coração, um só pensamento subirá até vós, como um grito de reconhecimento e de amor.

Como Moisés sobre a montanha, nós vos esperamos com os braços abertos, oh! Bondade, oh! Beleza, oh! Perfeição, e queremos de alguma sorte merecer a vossa misericórdia.

Deus! Dai-nos a força de ajudar o progresso a fim de subirmos até vós; dai-nos a caridade pura, dai-nos a fé e a razão; dai-nos a simplicidade que fará das nossas almas o espelho onde se refletirá a Vossa Imagem.

CÁRITAS ⁽¹⁾

⁽¹⁾ *Nota da Editora* à 28.^a edição, em 1973: “Esta prece foi extraída da obra francesa “Rayonnements de la Vie Spirituelle”, psicografada pela médium Mme. W. Krell, publicada em Bordéus, em 1873, contendo mensagens de Musset, Lamartine, E. Pöe, Espírito de Verdade, Hahnemann, Éraste, Mélanchthon e outros, inclusive trabalhos diversos do mesmo Espírito Carita (Cáritas).

No quarto parágrafo do original francês há uma palavra que foi necessariamente suprimida mais tarde — *aujourd’hui* (hoje) —, por se tratar de alusão direta ao dia de Natal, no qual foi a prece ditada.

Eis o parágrafo aludido: “Piété, mon Dieu, pour celui qui ne vous connaît pas, espoir pour celui qui souffre! Que votre bonté permette *aujourd’hui* aux esprits consolateurs de répandre partout la paix, l’espérance et la foi!”

Para outros detalhes, vide “Reformador” de 1972, páginas 37/8.

A Casa de Ismael

A Federação Espírita Brasileira é uma sociedade civil religiosa, educacional, cultural e filantrópica, com personalidade jurídica, reconhecida de Utilidade Pública Federal, Estadual (RJ) e no Distrito Federal (DF), respectivamente, Decreto nº 47.695 de 1960, Decreto nº 4.765 de 1934 e Decreto nº 7.399 de 1983, tem por objeto e fins o estudo teórico e prático do Espiritismo, a observância e difusão dos seus ensinamentos, a prática da caridade espiritual, moral e material, e, por fim, a integração das Sociedades Espíritas do Brasil no seu organismo, estando a cargo de seu Conselho Federativo Nacional desenvolver, ampliar e coordenar os planos da Organização Federativa, no sentido de uma completa harmonia de pensamento e unidade de programa e ação.

A Federação Espírita Brasileira, conhecida pela sigla FEB, foi fundada na cidade do Rio de Janeiro

(RJ), em 2 de janeiro de 1884, pelo culto e honrado fotógrafo português Augusto Elias da Silva, na sua residência à Rua da Carioca nº 120, sobrado, estando presentes mais onze espíritas, entre os quais o Marechal Francisco Raimundo Ewerton Quadros, que foi o primeiro Presidente da Sociedade.

Só depois de 27 anos de existência é que a Federação Espírita Brasileira levantou a sua sede própria, à Avenida Passos nº 30, no Rio de Janeiro (RJ), em cuja fachada está inscrita a divisa: DEUS, CRISTO E CARIDADE, hoje sede seccional. Sua sede central está situada em Brasília (DF), na Av. L-2 Norte — Quadra 603 — Conjunto “F”.

Ao Marechal Ewerton Quadros sucederam os seguintes Presidentes: Dr. F. M. Dias da Cruz, Dr. Júlio César Leal, Dr. Adolfo Bezerra de Menezes, Leopoldo Cirne, Dr. Aristides Spínola, Cel. Luís Barreto A. Ferreira, Alm. F. V. Paim Pamplona, Manuel J. F. Quintão, Eng.º L. O. Guillon Ribeiro, Farm. A. Wantuil de Freitas, Dr. Armando de Oliveira Assis, Francisco Thiesen e Dr. Juvanir Borges de Souza, Presidente desde agosto de 1990.

No mesmo mês de fundação da Federação Espírita Brasileira, passou a ser seu órgão oficial de imprensa o jornal (depois revista) — “Reformador”, que anteriormente, aos 21 de janeiro de 1883, havia sido

fundado também por Elias da Silva, mais tarde membro do Conselho Fiscal da centenária Sociedade Propagadora das Belas Artes. Durante 54 anos esse periódico foi bimensal, passando depois a sair mensalmente. Sua tiragem é distribuída entre assinantes dos quatro cantos do Globo e gratuitamente aos Centros Espíritas do Brasil.

Dos órgãos espiritistas mais antigos do mundo, e ainda em circulação, figura o “Reformador” em quarto lugar.

É curioso assinalar que esse “mensário religioso de Espiritismo Cristão”, de vida ininterrupta, é, de acordo com os “Anais da Biblioteca Nacional” (Vol. 85), um dos quatro periódicos que, surgidos no Rio de Janeiro antes de 1889, conseguiram sobreviver até os dias de hoje.

Possui a Federação Espírita Brasileira, a que os espíritas carinhosamente chamamos “Casa de Ismael”, vários setores internos: Conselho Diretor, Diretoria Executiva, Assessoria da Presidência, Conselho Fiscal, Conselho Superior, Assembléia Geral, Conselho Federativo Nacional, Departamento Editorial e Gráfico, Departamento de Infância e Juventude, Departamento de Assistência Social (Comissão de Assistência), Bibliotecas, Livrarias, Departamento de Esperanto, Departamento de Estudo do Espiritismo, etc.

O Conselho Federativo Nacional, cujas reuniões se processam periodicamente, presidido pelo Presidente da FEB, é composto de 27 Sociedades federativas de âmbito estadual, aí compreendido, como Estado, o Distrito Federal, além de Entidades Espíritas Especializadas, de âmbito nacional.

Seu Departamento Editorial e Gráfico funciona em prédio próprio, à Rua Souza Valente nº 17, no Rio de Janeiro (RJ), e já publicou até 1996 cerca de 8.000.000 de exemplares das obras de Allan Kardec e mais 26.800.000 de outras obras espíritas, entre as quais se incluem, com mais de 13.000.000 de exemplares, os livros mediúnicos recebidos por Francisco Cândido Xavier. Algumas dezenas de obras didáticas e doutrinárias foram editadas em Esperanto pela Federação Espírita Brasileira, que desde 1909 propaga a Língua Neutra Internacional nos meios espíritas e até mesmo no seio de coletividades leigas.

Em 2 de janeiro de 1984 foi transferida a sede central da Federação Espírita Brasileira para Brasília (DF), num amplo terreno de 22.000 m², a pouco mais de um quilômetro da Esplanada dos Ministérios, ficando na cidade do Rio de Janeiro (RJ) a sede seccional.

O longo e porfiado trabalho orientador dessa Casa, junto ao movimento espiritista em todo o País, contribuiu para que se multiplicassem as Sociedades

Espíritas, do Amapá ao Rio Grande do Sul, em número aproximado de 8.000 na época presente. Esse progresso no Brasil, que elevou a alguns milhões o total de profítes, permitiu o considerável aumento de periódicos espíritas em circulação, cerca de 200 em 1995, bem como a difusão da Doutrina Espírita pelas ondas hertzianas, pelo teatro, pela televisão, pela Internet, por disquetes, vídeos e CD-ROM, tendo a FEB arrolado, recentemente, perto de duzentas estações de rádio que levam ao ar programas espíritas. Cresceu também, consideravelmente, o número de livrarias espíritas, em torno de mais de mil em 96, acrescidas da proliferação de editoras, clubes, feiras e bancas de livros.

A obra da Federação Espírita Brasileira, que se molda no espírito da Codificação Kardequiana e no Evangelho de Jesus, tem-se refletido no movimento espiritista de vários países da Europa, das Américas, da Ásia e da África, ensejando contactos fraternos de expressiva importância no que diz respeito às finalidades primaciais do Espiritismo.

Por ser uma entidade de caráter nacional, cabe a ela a representação do Espiritismo, por parte do Brasil, em todos os atos e solenidades internacionais concernentes à organização espírita mundial.

Em 1992 foi criado o Conselho Espírita Internacional, do qual a FEB foi uma das Entidades fundadoras.

No Brasil, o Governo considera o Espiritismo como religião.

Em 1957, a pedido da Federação Espírita Brasileira, foi autorizada a emissão, pelo Departamento dos Correios e Telégrafos (atual Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos), do primeiro selo espírita em todo o mundo. E em 1964 e 1969, ainda por solicitação da Federação, foram lançados três novos selos postais espíritas.

*Pela sua larga folha de serviços prestados à coletividade, desfruta a Federação Espírita Brasileira de alto conceito e grande prestígio no Brasil e além-fronteiras. **

* Para mais amplo conhecimento do histórico da Casa, leia-se em “Reformador”: *O Centenário do “Reformador”*, dezembro de 1982, e *O Centenário da Federação Espírita Brasileira*, dezembro de 1983 e janeiro de 1984.